



MESTRADO EM ARTE E DESIGN PARA O ESPAÇO
PÚBLICO

TERRITÓRIO COMUM E PRÁTICAS DE CUIDADO

APROXIMAÇÕES COM O BAIRRO DO CERCO DO PORTO

CLARA SEFAIR

DISSERTAÇÃO E TRABALHO DE PROJECTO DE MESTRADO APRESENTADOS
À FACULDADE DE BELAS ARTES DA UNIVERSIDADE DO PORTO EM
ARTE E DESIGN PARA O ESPAÇO PÚBLICO

ANO: 2025
ORIENTADORA: Prof. Dra. LÍGIA FERRO

CO-ORIENTADORA: Prof. Dra. GABRIELA V. PINHEIRO

VERSÃO PROVISÓRIA PARA PROVA PÚBLICA

RESUMO

A questão central que move esta investigação é como construir dispositivos de ensino-aprendizagem — em diálogo com o território — para mapear e partilhar comuns. Os comuns assumem múltiplas formas nos espaços urbanos, podem ser um espaço, uma prática, uma estória, são sempre criados e recriados coletivamente. O cuidado é visto como compromisso, forma de coexistir e cuidar com os outros e com o mundo.

A investigação está com o Bairro do Cerco do Porto, situada junto a um grupo de crianças e adolescentes assistidas pelo Projeto Cercar-te. A regeneração de um jardim abriu caminho para falarmos de espaço público e de práticas coletivas.

O percurso metodológico entrelaça pensar e fazer de forma permanentemente articulada. Opera entre cartografia, etnografia, práticas artísticas, educação e mediação cultural juntamente às experiências afetivas, lúdicas e encontros.

A aproximação com este território é lenta e cuidadosa e se manifesta enquanto desaprendizagens e aprendizagens. Um conjunto de práticas que inclui brincar, desenhar, limpar e balançar é orientado pelo fazer em coletivo. Mapear e partilhar esses territórios comuns é gerar práticas de resistência e insurgência que permitem reinventar modos de viver e habitar coletivamente. Interessa também produzir outras formas de contar estas estórias e partilhar estes saberes, em coletivo. Assim, a escrita é composta junto a vozes, desenhos, imagens e mais.

Palavras-chave: comuns urbanos; infância e território; cartografia colaborativa; práticas educativas situadas, etnografia urbana

ABSTRACT

The central question guiding this research is how to construct teaching–learning devices—in dialogue with the territory—in order to map and share the commons. The commons take multiple forms in urban spaces: they may be a place, a practice, or a story, and are always created and recreated collectively. Care is understood as a commitment, a way of coexisting and caring with others and with the world.

The research is situated in the Cerco do Porto neighborhood, alongside a group of children and adolescents supported by the Cercar-te Project. The regeneration of a garden opened the way for reflections on public space and collective practices.

The methodological pathway weaves together thinking and doing in a permanently articulated manner. It moves between cartography, ethnography, artistic practices, education, and cultural mediation, while also engaging affective and playful experiences and encounters.

The approach to this territory is slow and careful, and it manifests as processes of unlearning and learning. A set of practices—including playing, drawing, cleaning, and swinging—is oriented toward collective making. Mapping and sharing these common territories gives rise to practices of resistance and insurgency that make it possible to reinvent ways of living and inhabiting collectively. It also aims to produce alternative ways of telling these stories and sharing this knowledge in common; thus, the writing unfolds together with voices, drawings, images, and more.

Keywords: urban commons; childhood and territory; collaborative cartography; situated educational practices; urban ethnography

Para a minha avó Lourdinha
e para a árvore que me vê crescer

Agradeço a quem chegou antes, preparou o terreno
e abriu o caminho.

Bia, Lara, Claudete, Ricardo, por serem parte de tudo o que vou
sendo, sempre.

À comunidade do Projeto Cercar-te, por me acolher.
Nuno, Vanessa, Sandra, Bruno, Vasco e Bruno, pelo incansável
trabalho desenvolvido com o território. Por acolherem o meu
trabalho e contribuírem com ele.

À Associação Espaço T, por acolher esta pesquisa e pelo ex-
tenso trabalho em diversos contextos.

À toda a família Relíquia de Espinho Remoso, Mestre Zé do
Lenço, Treinéis Manhosa e João e Mestre Fantasma.
Pela generosidade em ensinar, pelo cuidado.
Aprender Capoeira Angola com vocês é parte indissociável
de tudo isto.

Às orientadoras Ligia Ferro e Gabriela Vaz-Pinheiro,
pela escuta e pelas trocas.

A todas /os participantes aqui presentes, pelo afeto, risadas,
cantorias, colo, conversas e aproximações.

Por me convidarem para brincar, balançar e caminhar, por me
ensinarem tanto.

A cada uma das pessoas mencionadas em cantos de página
e notas com letras miúdas, pela amizade, pelo amor.



ÍNDICE

Prefácio 09

Apontamentos iniciais: preparar terreno 13

Um. Territórios 19

 Construir *comuns* 21

 Cuidar *com* 26

Dois. Habitar *entre* e fazer *com* 31

 Amoras, beatas, cascas, desenhos 33

 Bicicleta, jogo, mutirão 41

Três. Acontecimentos com 48

 uma terra impossível 51

 nós: galegos, senhores, professora, CID 68

 Jardim do Pinheiro Grande, ou do CID 81

 Desvios: Parque Oriental, Horta das Oliveiras, etc 90

 Baloço 96

Quatro. “Sonho com tu desenhares comigo, eu a brincar contigo...” 107

Cinco. Apontamentos iniciais, de novo 112

Referências Bibliográficas 114

Referências Eletrônicas 117

Anexos

Figura 01: Construção. Fotografias com Bairro do Cerco do Porto e Olympus Trip 35. Maio de 2025.



Figura 02: Caminho de pé posto. Fotografias com Bairro do Cerco do Porto e Olympus Trip 35. Maio de 2025.

Prefácio¹

Porque “é onde os pés pisam que a cabeça pensa” (Frei Beto, 2002), um atravessamento no caminho do Mestrado em Arte e Design para o Espaço Público tem sido o encontro com um grupo de crianças e adolescentes residentes no Bairro do Cerco do Porto, assistidas pelo Projeto Cercar-te². Desde janeiro de 2024, falamos sobre espaço público e a requalificação de um jardim, em processo de desaprendizagem, aprendizagem e ensino contínuo e mútuo.

O envolvimento com este território e com esta pesquisa surgem a partir de afetações e engajamentos recíprocos com aquilo que está à volta. De corpo presente, no aqui-agora, iniciei estas caminhadas com a intenção de estar *com* processos, sujeitos e espaços.

A pergunta a partir da qual outras perguntas foram se desdobrando é: “como construir dispositivos de ensino-aprendizagem - em diálogo com o território - para mapear e partilhar comuns?” Em uma postura de ‘se deixar levar’ pelo campo coletivo de forças (Barros e Kastrup, 2009), as práticas artísticas e cartografias se deram através da fruição entre o meu corpo e o território por onde caminho, numa tentativa de aprender com o habitar a cidade do Porto.

Procuro cuidar do processo teórico-crítico que aqui apresento enquanto composição com as práticas situadas neste território. Operando pensamento e ação num fazer e desfazer que inclui ruído, dúvida, desvios, aproxima outros saberes e vai se fazendo em coletivo.

É enquanto aprendiz-cartógrafa (Kastrup, 2009) que me movo pela pesquisa: os encontros e atravessamentos vividos neste

¹ Texto escrito, majoritariamente, na terceira semana de outubro de 2024, no Porto. Enquanto era generosamente recebida na casa de amigos e amigas, devido a um hiato sem casa ou quarto. Agradeço à Luciana, Ivan, Gabriela, Fernanda e Manuel pelas acolhidas. A primeira revisão foi feita na segunda semana de janeiro, depois das contribuições de Bia Petrus, a quem agradeço a leitura.

² O Projeto Cercar-te, é promovido pela Espaço T – Associação para o apoio à integração social e comunitária, sob a égide do Programa Escolhas. Localiza-se no Bairro do Cerco do Porto desde 2013 e tem como principais destinatários jovens dos 6 aos 30 anos e como principal objetivo o combate à exclusão social e o reforço da igualdade de oportunidades, focando-se em contribuir para o desenvolvimento de competências pessoais, sociais, cognitivas, profissionais e éticas de todos os jovens nele integrados. Disponível em: <https://www.fmam.pt/project/cercar-te-um-projeto-para-o-cerco-do-porto/> Acesso em: 25/03/2025

território me colocam questões com as quais tento compor novas perguntas e caminhar por brechas e desvios possíveis. Assisto ao caminhar de um corpo nosso, que por vezes se move autônomo e me interpela por assistência. Ao longo desta composição teórico-prática, abordaremos saberes epistemológicos, metodológicos e os acontecimentos situados neste território, emaranhados uns aos outros.

Antes, situo o ponto de partida. Falo a partir de uma não neutralidade deste corpo-pesquisadora. Se o que é pessoal, emocional ou corporificado não é validado como conhecimento científico, urge apontar as pretensas universalidade, objetividade e neutralidade como ferramentas de violência do projeto civilizatório e colonizatório. (Kilomba, 2022)

Um passo atrás para explicar de onde venho e quem estou sendo. Foi como arquiteta-urbanista que iniciei este caminho, ainda estou tentando dar corpo a um e: arquiteta-urbanista-artista, educadora, investigadora, mediadora... São essas duas palavras, arquiteta-urbanista, que me ensinaram a observar e experienciar aquilo que já está lá: espaço físico, práticas, saberes, histórias, memórias, bichos, plantas, viventes, antepassados.

Os comuns e o cuidado também me acompanham. Ainda estudante, no Brasil, minha pesquisa e atuação se concentraram no coletivo: no RUA³, o trabalho coletivo e horizontal em assessoria técnica; no CACAU-UFJF⁴ pela vivência e construção de um movimento estudantil radicalmente horizontal. Práticas situadas com um espaço comum porque feito por nós: o Galpão.

No trabalho de conclusão de curso, elaborei a *Cartilha para Auto-construção no Assentamento Dênis Gonçalves*⁵ - território do Movi-

3 O RUA é o Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo (EMAU) da Universidade Federal de Juiz de Fora, orientado pelo professor Fabrício Fontenelle. Os EMAUs são projetos de Extensão Universitária, apoiados pela Federação Nacional de Estudantes de Arquitetura (FENEA), atuam em assessoria técnica com populações vulneráveis. Mais informações em: <https://www.feneabr.org/emaui> e <https://coletivorua.blogspot.com/> Acesso em: 27/05/2025.

4 O CACAU-UFJF é o Centro Acadêmico do Curso de Arquitetura e Urbanismo da mesma universidade. Além do enfrentamento ao sucateamento das universidades públicas, o centro acadêmico também desenvolvia um projeto educativo alternativo com a dinamização de eventos, debates, oficinas, ocupação de espaço público. Ver mais em: <https://www.facebook.com/ufjfcacau/> Acesso em 27/05/2025.

5 O Assentamento Dênis Gonçalves, situa-se na Zona da Mata Mineira, às margens da MG-353. O Movimento Social dos Trabalhadores Sem Terra (MST) retoma um antigo latifúndio cafeicultor: a Fazenda Fortaleza de Sant'Anna, desapropriada em 2014, sob Resolução nº 06 de 28/02

mento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, próximo a Juiz de Fora, Minas Gerais, minha cidade natal. Ali já olhava para a potência de criar juntas dispositivos de ensino-aprendizagem. Com a cartilha, tensionava meu campo técnico numa tentativa de o deslocar - ou recompor - à sua esfera de saber coletivo, autônomo, auto-construído pela prática do habitar.

Ainda que no Brasil o ensino de Arquitetura e Urbanismo seja bastante mais permeado por outras epistemologias e saberes, diversas vezes sentia que não tinha, ali, ferramentas suficientes para uma prática que queria se aproximar da pedagogia e da educação. Assim, no mestrado, optei por um caminho interdisciplinar, que me aproximou do campo artístico.

Falar deste *eu* é falar de muitos seres, de muitos tempos-espacos, de processo, de construção e encontros:

(...) esta coisa que chamamos de 'eu' seria muito mais justamente descrita através de um inventário (que só pode ser constante) daquilo que se propaga entre o que fica e o que parte; dos modos e modulações destes atravessamentos; dos sedimentos, restos rastos, traços e resíduos (com doses, ritmos e durações os mais diversos) que estes deixam ou levam. (Eugênio, 2017: 34)

Corpo-memória de deslocamentos de quatro gerações, que desde 2018 também experimenta este deslocamento intercontinental. Corpo mulher, imigrante, arquiteta, urbanista, mestranda, artista-educadora-investigadora, mediadora, trabalhadora-estudante, aprendiz de capoeira angola...

Sinto vontade de localizar de onde escrevo esta apresentação: sentada no sofá de quatro grandes amigadas – uma delas uma criança de quase três meses, outra um cão vira-lata e carioca, com nome de planta. Talvez não tenha importância, mas talvez tenha.

Relembro Paulo Freire (1996): o mundo não é, está sendo. É daqui que parto, e que sigo.

no Diário da União. Através da Reforma Agrária constrói-se ali moradia, sustento e vida para 140 famílias. Ver mais em: SEFAIR, Clara. *Território e habitação na Reforma Agrária. Assentamento Dênis Gonçalves*. Monografia de Conclusão de Curso, Juiz de Fora, FAU - UFJF, 2018. E NEVES, Michele; TEIXEIRA, Matheus; SILVA, Douglas. 2024: Do latifúndio à terra produtiva: 14 anos da ocupação do Assentamento Dênis Gonçalves. Disponível em: <https://mst.org.br/2024/03/25/do-latifundio-a-terra-produtiva-14-anos-da-ocupacao-do-assentamento-denis-goncalves/> Acesso em: 27/05/2025



Figura 03: Aqui-agora SF. Cartografia sobre a cidade do Porto. Junho de 2024.

Apontamentos iniciais: preparar terreno

Em um cenário de precarização das vidas em escala local e global urge repensar e reconstruir formas de habitar, viver e morrer. A “cadeia global contínua de devastação antrópica e colonial” (Haraway, 2023: 150) está em marcha e exige dos sujeitos viventes neste tempo histórico compromisso em gerar práticas outras que possam contribuir, ainda que parcialmente, para uma regeneração dos territórios suportes de nossas vidas, em contextos rurais, urbanos e rururbanos. Haraway aponta que a extinção é “uma morte lenta e prolongada, que desafia grandes tramas de modos de continuidade para muitas espécies do mundo, incluindo pessoas historicamente situadas” (2023: 75), para este momento presente, a autora propõe:

(...) procuro por narrativas reais que sejam também fabulações especulativas e realismos especulativos. Nessas estórias, os jogadores multiespécies, entramados em traduções parciais e imperfeitas através da diferença, refazem os modos de viver e morrer sintonizados com o florescimento finito ainda possível, com a recuperação ainda possível. (Haraway, 2023: 23).

Para localizar os territórios a serem regenerados, adoto uma noção ampla e aberta de território, Milton Santos nos permite lembrar que para além da geografia física o território é relacional:

(O) território é o chão mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é a base do trabalho, da residência, das trocas materiais e espirituais e da vida, sobre os quais ele influi. (Santos, 2008: 96)

O território a ser reparado é, de novo, o chão mais a população. Entendendo a regeneração como um ato coletivo e continuado só possível a partir de esforços situados e de corpo presente em situações-encontros que se apresentam. É fazendo com o que se tem (And Lab⁶, 2019) que torna-se possível tensionar campos de discussão sobre outras formas de viver e morrer nos territórios com os quais vivemos e morremos. Repensar modos de operar, viver, morrer e habitar é repensar a nós próprios:

⁶ O AND Lab | Centro de Investigação em Arte-Pensamento & Políticas da Convivência é uma plataforma de pesquisa praticada que se dedica ao desdobramento contínuo, à transmissão e partilha e à aplicação do Modo Operativo AND (MO_AND). O MO_AND é uma metodologia para a investigação ético-estética, somático-política e experiencial da relação e da reciprocidade, criada pela antropóloga e artista Fernanda Eugenio. Disponível em: <https://www.and-lab.org/sobre/mo-and> Acesso em: 18/04/2025.

A questão de que tipo de cidade queremos não pode ser separada da questão de que tipo de pessoas queremos ser, quais relações sociais procuramos, que relação temos com a natureza, que estilo de vida desejamos e quais valores estéticos temos. (Harvey, 2013)

Os encontros eu-outres e corpos-território, nos deslocam e re-convidam às incontáveis tomadas de posição e readaptação aos novos contextos dados a partir de correlações de força em determinados tempo-espaço. Estas fruições fazem emergir possibilidades de transformar formas já conhecidas de existência através da emergência de um plano comum, manuseado e recriado a cada vez, a partir de uma des-cisão entre sujeito e objeto ou sujeito e sujeidade. (And Lab, 2019) O corpo volta a estar no centro da experiência, quando o sabor substitui o saber. O sujeito, não mais detentor unilateral dos processos de agência e produção de sentido, vê-se em posição de experienciar o acidente, parar, sustentar o não saber:

(S)e nos dermos esse tempo, esse silêncio, essa brecha; se suportarmos manter a ferida aberta, se suportarmos simplesmente re-parar (...) então, eis que o encontro se apresenta e nos convida, na sua complexidade embrulhada em simplicidade. (Eugênio, 2012: 17)

Para cartografar territórios comuns e práticas de cuidado, caminhei. Fui convidada a aprender com as águas urbanas e lavadouros públicos; o que escorre pelo tronco de mulher-estátua; amontoados de abrigos inúteis deixados nas ruas em dias de chuva forte; um espaço-tempo inútil e brincante; uma encruzilhada entre passado e presente. Agenciar a epistemologia dos comuns e do cuidado, em uma perspectiva decolonial e feminista, passa a ser colocá-la em fricção com este território, em um fluxo contínuo de viver-investigar.

Em algum ponto do caminho, o trabalho com o Bairro do Cerco do Porto foi tomando corpo e tornou-se o desvio pelo qual segui. É em diálogo com essa correlação de forças que se apresenta que optei por compor esta peça teórico-crítica em conjunto a esta prática, em retroalimentação constante. A estrutura metodológica rígida que responde aos porquês é substituída por um caminhar fluido e leve, num processo aberto e emaranhado entre pensar e fazer.

Assumir este desvio é a suspensão de outras possibilidades, deixar, por um tempo, um inventário de coisas inacabadas. Vou aos poucos tentando retomar, compor e tecer neste emaranhado complexo do possível.



Figura 04: Inventário de coisas inacabadas. Dezembro de 2024.

Em janeiro de 2024, após processo seletivo decorrido nos meses finais de 2023, iniciei o processo de trabalho com um grupo de crianças e adolescentes, entre 6 e 15 anos, assistido pelo Projeto Cercar-te, que atua no Bairro do Cerco do Porto, desde 2013. O contexto foi a divulgação de uma oferta de trabalho em um grupo de interajuda online autogerido por mulheres brasileiras imigrantes. A procura era por dois formadores para ministrar atividades de Arte Urbana e Jardinagem a crianças e adolescentes. Com um dos vários portfólios que enviava em emails que nunca tinham resposta candidatei-me para as duas vagas. A primeira reunião me confirmou algo que já suspeitava: arte urbana e jardinagem, davam nome à vontade de ocupar um espaço exterior ao edifício sede, a Casa do Pinheiro Grande. Desejei, então, colaborar com este processo.

De início, éramos duas formadoras, em alternância - eu fiquei com Arte Urbana. Os nossos encontros passaram a ser quinzenais, com três horas de duração, nas tardes das segundas-feiras. No primeiro deles, fiz uma pesquisa rápida antes de ir, apontei algumas dinâmicas (bem genéricas) no caderno: queria tentar descobrir quem eram, se já se conheciam, se sempre moraram no Bairro, quais os contextos familiares, comportamentos, habilidades... Era para nos conhecermos.

Escrevo esse trecho 445 dias depois deste primeiro encontro. Na memória: meu corpo em pé na sala de aula entre o quadro e a mesa onde as outras pessoas estavam sentadas. Lembro que saí muito frustrada por não conseguir falar nem ouvir. No diário de campo apontei de forma técnica um *diagnóstico*: havia pouco repertório sobre espaços comuns/ públicos e não conheciam bem o espaço onde trabalharíamos a seguir. Também tem uma notinha dentro de um retângulo que diz “a gente não

faz nada nessa aula”. Isso é importante e eu nem me lembrava. Também na minha memória: minha vó Dolores, que a tudo perguntava “isso é bom pra quê?”.⁷ Foi com ela que aprendi que só se conhece uma pessoa quando “lado a lado comemos um quilo de sal”.

Nesse mesmo dia, estive no lugar com o qual trabalharíamos. Uma pequena caminhada à volta da Casa do Pinheiro Grande dava notícias do conflito de usos sobre o qual já sabia anteriormente - o espaço que queríamos usar já tinha bastante uso, atraía a presença rotineira de pessoas em situação de toxicodependência que utilizavam o espaço majoritariamente à noite. Durante o dia podíamos caminhar entre os vestígios destas presenças.

Não estive *com* o lugar, que pouco a pouco conseguimos chamar de Jardim: neste primeiro encontro ele também não falou sobre si ou me ouviu. Processo lento.

De início, pensei em desenvolver dois processos em simultâneo: oficinas de levantamento e reconhecimento do território urbano que buscam construir um vocabulário comum; e a construção coletiva do Jardim do Pinheiro Grande, com a retomada do espaço exterior do edifício. Ao mesmo tempo, precisei desaprender essas certezas e aprender com as outras pessoas, com este lugar, tentar compor com o que é possível. Com atenção e cuidado.

O desafio então é construir ferramentas para uma fase cuidadosa de aproximação, sem prefiguração de fins ou resultados. Assumir esse desvio não acontece sem medo: como fazer caber em um documento acadêmico este processo de aproximação lenta e cuidadosa, que não prefigura nenhum resultado? Como navegar por um território desconhecido e sustentar continuamente uma recusa à objetificação? Como desenhar este processo e ao mesmo tempo documentá-lo, em conjunto? As perguntas poderiam se desdobrar continuamente

Assumindo o risco de um tempo demasiado curto para o cultivo das relações *com* este território, cuido desta escrita como um corpo errante que encarna conhecimentos situados, sem pretender a unicidade. Importa a multiplicidade, somam-se outras narrativas de igual importância: desenhos, rabiscos, vozes, risadas, buzinas de bicicleta, gritos, passos apressados, escondidinhas.

⁷ Com ela, aconteciam esses pequenos processos de ensino-aprendizagem à hora das refeições: eu nunca sabia a resposta mas ficava curiosa o bastante para ir ao Google pesquisar a serventia e benefícios de tudo o que se põe à boca: quiabos, azeite, abóbora... Contava e ficávamos a tecer comentários, comparações etc.

A pretensão de abstrair um universal a partir de um particular já não nos convence. É a matéria específica inerente a todos os lugares, seu detalhamento minucioso ou infinito e o conjunto estimulante de suas particularidades, são esses os elementos que devem estar em convivência com os de todos os lugares. Escrever é agregar o sabor do mundo. (Glissant, 2024: 102)

No primeiro capítulo, *Territórios*, convoco os comuns e as práticas de cuidado como territórios epistemológicos da pesquisa, compreendidos como práticas coletivas, situadas, sempre em ação e em coletivo. Delineio os fundamentos ético-políticos que atravessam e sustentam as ações do percurso.

No capítulo dois ‘*Habitar entre e fazer com*’ falo sobre uma *fase cuidadosa de aproximação* também com as ferramentas metodológicas. Cartografia, etnografia, educação e mediação cultural são incorporadas, junto ao corpo, ao jogo, à brincadeira e ao trabalho coletivo. As práticas de pesquisa se tornam modos de habitar e fazer, observando-participando junto com aquilo que já lá está.

Em ‘*Acontecimentos com*’, partilho histórias deste processo situado com o Bairro do Cerco, a comunidade, o jardim e o entorno. Componho uma cartografia inconclusiva deste processo na qual a escrita caminha junto a imagens, mapas, vozes, desenhos. Os dispositivos para mapear e partilhar comuns emergem das experiências e fabulações deste viver juntas.

No capítulo quatro, “*Sonho com tu desenhares comigo, eu a brincar contigo...*” falo-escrevo desde uma encruzilhada entre aprendizados, desaprendizados, sonhos e porvires. Encerrando o processo de escrita — mas não a fase cuidadosa de aproximação que deu origem a este percurso —, reconheço nas relações e acontecimentos pistas que apontam para a continuidade deste plano comum que vamos construindo juntas.

Um. Territórios⁸

“(…) o espaço comum foi tecido através de actos de tradução que criaram apostas comuns, novos hábitos e pontos de vista partilhados e novos sonhos comuns. O poder da comunalização em expansão depende de actos de tradução que convidam sempre a recém-chegados, sem tentar diminuir ou subjugar sua alteridade.” (Stavrides, 2021)

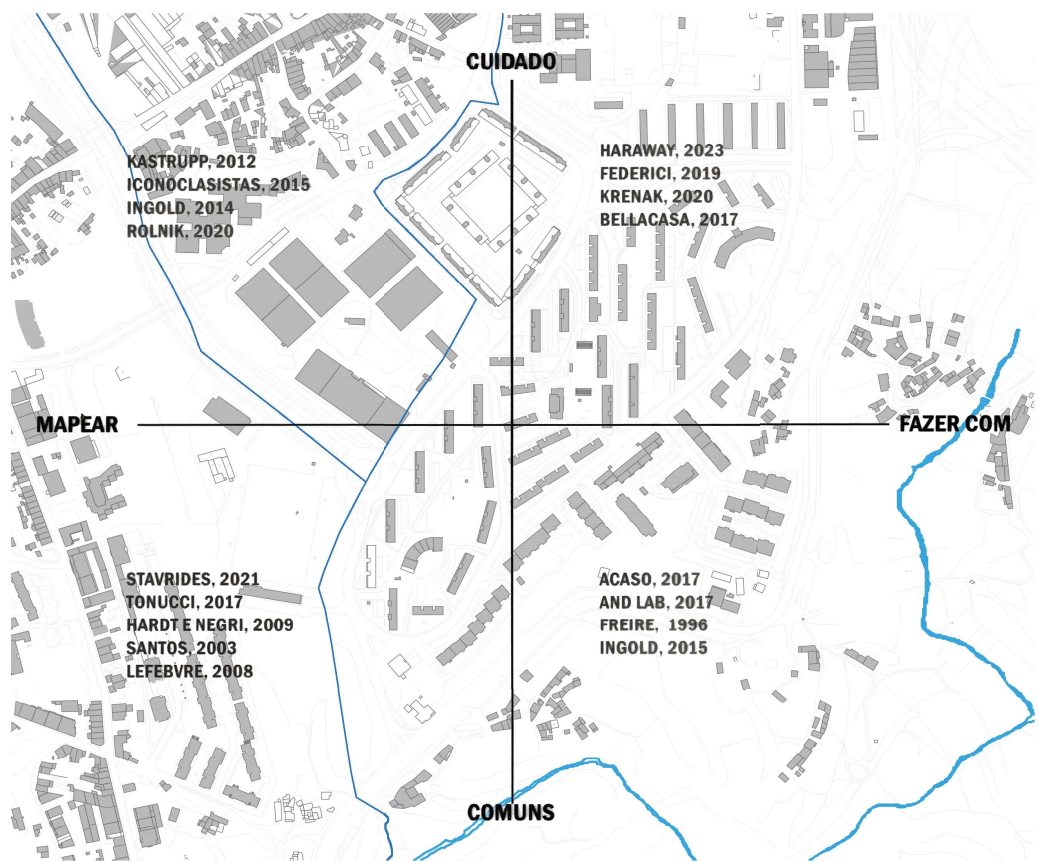


Figura 05: Diagrama de conteúdos. Maio de 2025.

A partir das práticas territorialmente situadas - em suas dimensões espaciais, temporais e sociais - os processos de trabalho se desenrolam, permeados por atravessamentos e confluências. Os territórios epistemológicos agenciados para esta caminhada são, de início, os *comuns* e o cuidado. A escolha de palavras-ações para compor os dois subcapítulos seguintes aponta um entrelaçamento entre o pensar e o fazer: *construir* comuns e *cuidar com* são parte de um conjunto de práticas com as quais *habitar* esta pesquisa e o território de trabalho torna-se possível.

Comuns assume, durante o exercício deste trabalho, uma representação parcial dentro das diversas perspectivas de entendimento do termo. São os *comuns* enquanto aquilo que é criado e recriado constantemente através da participação ativa de um corpo coletivo que interessa aqui. Reafirmo, com o uso do plural, a noção de que são também múltiplos: negociações, saberes, práticas, recursos materiais e imateriais, espaços, territórios, trabalho, outros. Podem assumir, através de práticas de construção e partilha, formas também várias, sempre em coletivo: uma horta, uma montanha, um riacho, um centro comunitário, uma estória, uma receita, uma mandinga, uma ocupação urbana, outras.

Procuro por uma perspectiva social e política dos comuns, sem com isto desconsiderar aspectos econômicos, intrínsecos à própria produção capitalista do espaço - e da cidade, já que o foco serão os comuns urbanos. É a partir deste recorte que algumas das principais perspectivas e vertentes de pensamento acerca dos *comuns* serão brevemente apresentadas a seguir.

⁸ O primeiro capítulo foi escrito entre o fim de outubro e as primeiras semanas de novembro de 2024. Entre as idas e vindas no texto, aprendia a viver com outro espaço, co-habitando de forma assíncrona com um amigo que navegava no outro lado do Atlântico. O último tópico, Habitar entre, só tomou forma mesmo mais à frente, já misturado com a escrita do Dois.

Cuidado têm sido largamente utilizado por diversas autoras do pensamento feminista contemporâneo em um sentido amplo, assumindo o carácter político e de prática coletiva. O cuidado é aqui entendido como um compromisso, uma forma de co-existir com os outros e com o mundo. É, ao mesmo tempo, ontológico - como manutenção da nossa vida em sua condição de interdependência e prática relacional com sentido ético e político. Cuidar é cuidar *com*, uns com os outros, multiespécie e situado. Com Haraway (2023), o cuidado é também prática de fabulação e germinação de novos presentes e futuro.

É em uma complexa trama de cuidados com outros que torna-se possível pensar novos agenciamentos de presentes e futuros. De uma perspectiva feminista, então, cuidado é antes de tudo, prática diária em reciprocidade, entre corpos-territórios. Ferramenta para comunalização.

Entendendo os *comuns* enquanto ações, afasto-os das interpretações que o vinculam estritamente àquilo que são os *bens ou recursos naturais*⁹. Tanto porque ao tratar dos comuns nas cidades, não cabe assumir uma dicotomia entre aquilo que é artificial ou natural, quanto porque, aqui, importam mais as ações que constituem o comum do que os recursos ou espaços em questão.

Comum tem sido utilizado como conceito a partir da tradução do termo em inglês *commons*, que designa tanto recursos comuns (terras, pastos, florestas, caminhos), quanto as regras estabelecidas entre camponeses de uma mesma comunidade na gestão destes recursos. Entre os séculos XV e XVIII os cercamentos¹⁰ (*enclosures*) das terras comunais que tiveram lugar na Europa, principalmente na Inglaterra, têm como consequência a expropriação de diversas pessoas dos territórios suportes de suas vidas (Stavrídes, 2021), conformando processos violentos de deterioração da comunalização dos comuns.

Petrus (2021) sintetiza que, após a década de 1960, quando a discussão sobre este conceito foi retomada, é possível identificar e caracterizar três principais correntes de pensamento. A primeira interpretação de Hardin (1968), já mencionada, trata o comum estritamente enquanto *bens ou recursos naturais*. A segunda, entende o comum como *prática constituinte*, desenvolvida por Hardt e Negri na obra *Commonwealth* (2009) que inaugura a inclusão dos *comuns artificiais* (bens imateriais, processos de trabalho e trocas, partilhas, saberes, linguagens, outros). E, por fim, para Dardot e Laval (2015), o comum pode ser entendido como um *princípio político*. Esta última interpretação incorpora os movimentos e discursos de luta que estão em oposição à “racionalidade liberal”, enquanto buscam coletivamente outras formas de existência. Para esta pesquisa, como já mencionado, importam os *comuns enquanto prática*, em uma perspectiva sócio-territorial e política, assim há uma aproximação com as obras situadas dentro das duas últimas correntes supracitadas.

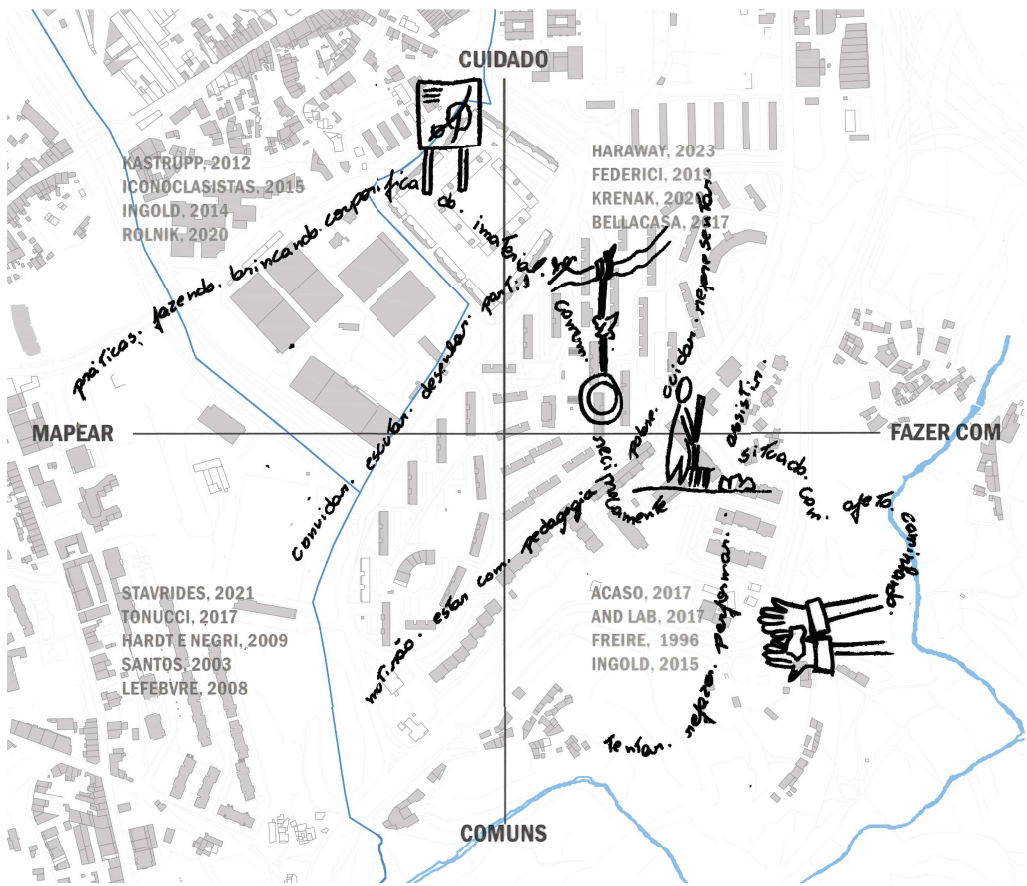


Figura 06: Diagrama de conteúdos-práticas. Maio de 2025.

9 HARDIN, Garrett. The tragedy of the Commons. Revista Science. New Series, Vol. 162, No. 3859, 1968. pp. 1243-1248 35

10 O antagonismo entre os comuns e os cercamentos é digno de nota para tornar óbvia a relação semântica com o nome do principal território de trabalho, o Bairro do Cerco do Porto. O bairro recebe este nome em referência a um período de pouco mais de um ano, entre os anos 1832 e 1833, no qual as forças militares de D. Pedro estavam cercadas na cidade do Porto pelos absolutistas, sob o comando de D. Miguel.

Diversos autores (Tonucci, 2017; Federici, 2018; Stavrides, 2021) apontam que, é nas sociedades neoliberais que novas formas de cooperação e comunalização estão em curso, sendo prefigurações de alternativas tanto ao Estado, quanto à propriedade privada e ao mercado.¹¹

O contexto de desenvolvimento do trabalho, Bairro do Cerco do Porto, coloca a necessidade de concentrar o debate no espaço comum urbano. É neste contexto que há uma intersecção entre os comuns e as lutas pelo direito à cidade, em alternativas ao urbanismo neoliberal. Com a ampliação deste debate inaugura-se o reconhecimento de práticas e espaços potencialmente comunais, construídos através da partilha e da cooperação que anteriormente seriam considerados ‘pré-modernos, arcaicos e informais, nas favelas, periferias e outros territórios populares metropolitanos’. (Tonucci, 2017: 24)

As manifestações multitudinárias, as ocupações para moradia, as festas religiosas e culturais, os modos residuais de locomoção, a produção divergente de alimentos, cada qual em uma medida diferente, tomam o espaço urbano e redefinem seus usos, sem indagar à autoridade externa se isso é direito. Nessa ação os sujeitos também são redefinidos porque se descobrem potentes para determinar autonomamente o que fazer da vida. E, ao optar por fazer algo em comum, os sujeitos reencontram-se com os objetos produzidos e com as pessoas com as quais produziram. Essa é, pois, a síntese do direito à cidade investigado, uma prática não alienada de produção e de reapropriação da cidade pelo uso. (Alves, 2017: 13)

O espaço é um meio de estabelecer e expandir práticas de comunalização, especialmente porque os espaços comuns são espaços partilhados, criados constantemente pela comunidade. São espaços ‘tomados’ pelas pessoas - diferem-se dos públicos na medida em que estes são ‘oferecidos’ às pessoas. (Stavrides, 2021: 51).

O espaço comum pode surgir apenas quando as pessoas activamente lhe dão forma e são formadas por ele, e apenas quando não cessam de criar práticas de partilha, nele e através dele. O espaço comum é mais uma espécie de espacialidade que pode emergir da partilha do que um recipiente que dará forma à comunidade que se deseja. (Stavrides, 2021: 192)

11 Ainda assim, a comunalização não é intrinsecamente anticapitalista ou pós-capitalista. Por vezes, a comunalização está à serviço da reprodução de comunidades existentes e suas formas de propriedade coletiva, reproduzindo práticas de limitação e exclusão, que definem, pela lógica da escassez, quem tem ou não acesso aos comuns em questão. (Stavrides 2021: 92)

Em relação ao espaço público, a associação entre esta esfera e o Estado representa a cisão com o comum. Por outro lado, o privado é igualmente incompatível pela própria condição de propriedade, excludente e fechada à toda diferença, o que “consolida os processos de alienação e estranhamento”. Enquanto o comum, pelo contrário, nos abre aos estranhos, “remete-nos aos processos de apropriação e de reencontro com nossa condição humana.” (Alves, 2017:13)

Com o grupo de crianças e adolescentes e com o Bairro do Cerco do Porto, aprendo sobre os espaços comuns e penso-os enquanto uma encruzilhada cheia de caminhos de pé posto, com dois bai-loços, brincadeiras, gritos e negociações constantes¹². É em um espaço público residual, entre blocos habitacionais, que dois bai-loços pertencentes a duas duplas de irmãos são ponto de encontro. Encontros diversos, incompletos, raramente pacíficos, e, por isto mesmo, lugares de germinação de comuns. Estão em um lugar do meio entre o público e o privado, não são coletivos o tempo todo, mas coletivos em potência, a partir da negociação. Acontecem em sistema aberto com tudo que está à volta. E nas brechas de tudo que está à volta, apesar de. Continuamente refeitos, colaboram na brotação de um conjunto de práticas que só existem ali. A partir do habitar, com o espaço, uns com os outros.

O termo *space-commoning*, na versão original do texto de Stavrides, foi traduzido para a versão portuguesa como ‘comunalização do espaço’. Antes abrigava as comunalizações do espaço, no espaço e por meio do espaço.¹³ Tentando menos ter resposta conclusiva e mais abrir campo de pensamento, questiono se o uso do termo *espaço* poderia ser substituído por *território*. Este questionamento percorre pelo menos dois caminhos: o desejo de incluir uma dimensão temporal (não-linear), na qual poderia, então, optar por um *espaço-tempo comum*. Ainda, o entendimento de que a comunalização se dá em reciprocidade, sujeitos *com* as espacialidades suportes de suas vidas.

Voltando à Santos (2003) se o território é sempre espacial e social ou ‘chão mais a população’, parece fazer sentido incluir os sujeitos e corpos criadores e criados pelo comum, em práticas *com* os espaços e tempos com os quais vivem juntas.

12 No Capítulo Três. *Acontecimentos com* estes espaços e práticas serão partilhados, ver página 48.

13 A simplificação é assumida como forma de facilitar a leitura. (Nota Editorial in Stavrides, 2021: 51)

De fato, se a ideia de ‘tornar comum’ tem algum sentido, deve ser a produção de nós mesmos como um sujeito comum. É assim que devemos entender o *slogan* ‘não há comuns sem comunidade’. mas não uma ‘comunidade’ entendida como uma realidade cercada, um grupo de pessoas que se junta por interesses exclusivos que as separam de outros, como uma comunidade formada com base em uma religião ou etnia; estamos falando de uma comunidade como uma qualidade de relações, um princípio de cooperação e responsabilidade: uns com os outros, com a terra, as florestas, os mares, os animais. (Federici, 2018: 318)

Passa a ser central que os *encontros* aconteçam para a emergência dos comuns e a cidade é lugar de encontros com *outres*, para além dos ciclos sociais pré-estabelecidos. A potência dos encontros pode ter efeitos positivos e negativos, a tarefa política da metrópole seria promover encontros capazes de produzir um novo corpo social, coletivo, mais habilidoso e capaz do que os anteriores, quando sozinhos, (Hardt e Negri, 2009: 255) e ainda:

(..) exige aprender a se afastar de relacionamentos conflituosos e destrutivos e a decompor os corpos sociais perniciosos que resultam deles. Por fim, como muitos dos encontros espontâneos não são imediatamente alegres, essa política da metrópole exige que se descubra como transformar os encontros conflituosos, tanto quanto possível, em encontros alegres e produtivos. (trad - livre Hardt e Negri, 2009: 255)¹⁴

Com Tsing (2015), penso os territórios comuns como práticas de viver juntas, experienciados a partir da precariedade, da indeterminação, em encontros incertos e provisórios, sempre em transformação, onde as colaborações dependem da diferença e produzem, também, sobrevivência. Assim, os territórios comuns não são, portanto, um ponto de chegada, mas sim um processo complexo, contraditório, provisório e em potência. Nestes lugares são cotidianamente construídos modos de convivência e negociação, entre todos os habitantes de um mesmo tempo-espço.

Inicialmente, a intenção de construir um vocabulário *comum* com as demais pessoas envolvidas neste processo, apontou para a construção de um território imaterial, composto por saberes e histórias.

Este vocabulário tem tomado forma de cantoria, brincadeiras e movimento. Emerge a partir de práticas que foram, pouco a pouco, sendo construídas juntas e apontam para fabulações de novas formas de estar com o mundo e uns com os outros com este lugar específico.

Emaranhado nos *territórios comuns*, estão as práticas de cuidado. Enquanto gesto de manutenção e continuidade das nossas vidas e enquanto prática política e ética para a sobrevivência multiespécies *com* o mundo, cuidar é cuidar *com*.

¹⁴ No original: "(...) it requires learning how to withdraw from conflictive, destructive relationships and to decompose the pernicious social bodies that result from them. Finally, since so many of the spontaneous encounters are not immediately joyful, this politics of the metropolis requires discovering how to transform conflictive encounters, as much as possible, into joyful and productive ones" (Hardt e Negri, 2009: 255)

Cuidar com

Observando que cuidar e relacionar são, ambos, processos ontológicos, cuidar de nós, de outres e de nossos territórios seria tarefa inerente à nossa condição de sujeitos. Como seres vivos, nós, humanos, estaríamos implicados diretamente naquilo que é a manutenção da nossa vida e, logo, do nosso entorno, em redes de interdependência multiespécies. Cuidado, então incluiria “tudo o que fazemos para manter, continuar e reparar o ‘nosso mundo’ ... que procuramos entrelaçar numa teia complexa que sustenta a vida” (Tronto, 1993: 103 in Puig de La Bellacasa, 2017: 69).

Em *Matters of Care*, Maria Puig de La Bellacasa propõe aproximações entre a “tradição materialista feminista de pensamento crítico sobre os cuidados com debates sobre ontologias mais do que humanas e práticas ecológicas”. Para a autora, o caráter multiforme do termo cuidado contém pelo menos três dimensões: o trabalho, os afetos, e a ética-política. Interessa permanecer com as tensões não resolvidas entre estas três dimensões, que não são necessariamente coexistentes, e raramente acontecem sem conflitos. (2017: 5)

Com Haraway (2023) aprendemos sobre um cuidado radical, capaz de “fazer parentescos estranhos”, em um somatório de forças multiespécies situado em territórios onde a continuidade está ameaçada. A autora clama por práticas de *respons-habilidade*¹⁵ capazes de fabular novos “passado, presente e porvir” em um tempo espaço real e possível, potente, tentacular e germinador de presentes e futuros, o Chtlhuluceno. Trabalho, jogo colaborativo e ajuda mútua são ferramentas para fabulações de estórias, em uma prática de cuidado que está emaranhada em temporalidades e espacialidades situadas, mas em sistemas simpoiéticos, abertos, devir-com.

“ (...) o alargamento e a recomposição de parentescos são possíveis pelo fato de que todos os seres da Terra são parentes no sentido mais profundo do termo. Já é passada a hora de oferecer um cuidado melhor com tipos-como-agenciamentos (e não uma espécie por vez). *Parente* é um tipo de palavra que reúne e congrega.” (Haraway, 2023: 205)

Um retorno à Puig de La Bella Casa (2017) para questionar, fazendo coro à própria autora, o uso do termo ‘mais que humanos’ pela persistente centralidade do humano enquanto métrica a partir da

¹⁵ Haraway (2023) propõe o termo ‘response-ability’ a partir das palavras em inglês *response* e *ability*, ou, em português, *resposta* e *habilidade*. O conceito é utilizado para enfatizar uma busca por mais do que responsabilidades individuais, e sim capacidades e habilidades de resposta que estão situadas no momento presente.

qual medimos e comparamos uma miríade de seres. Com Ailton Krenak, observamos que esta medida e comparação tem por objetivo constante nos distinguir dos outros seres, e não aproximar:

Muitos afirmam que o que nos distingue dos outros seres é a linguagem; o facto de falarmos, de termos discernimento e de criarmos relações sociais. Ora, se a principal marca dos humanos é distinguirem-se do resto da vida terrestre, tal ideia aproxima-nos mais da ficção científica que defende que os humanos que habitam a Terra não são daqui. (Krenak, 2020: 46)

Por outros caminhos epistemológicos, ‘fazer parentescos estranhos’ de Donna Haraway é prática de diversos povos que Ailton Krenak define como “uma sub-humanidade que fica agarrada à terra”. São “caiçaras, índios, quilombolas e aborígenes esquecidos nas bordas do planeta, na África, Ásia e América Latina” (Krenak, 2020) que apontam caminho para uma cosmopercepção que organiza pensamento e cuidado de si, dos outros e do chão no qual se pisa com a interdependência como condição de vida:

Alguns povos entendem que os nossos corpos estão relacionados com tudo o que é vida e que os ciclos da Terra são também os ciclos dos nossos corpos. Observamos a Terra e o céu e sentimos que não estamos dissociados dos outros seres. O meu povo, assim como outros parentes, tem esta tradição de suspender o céu. (...) É preciso dançar e cantar para o suspender, (...) Suspender o céu é ampliar os horizontes de todos, não só dos humanos. (...) (Krenak, 2020: 38 -39)

Opto por ficar com as tensões não resolvidas do vocabulário, enquanto tentamos falar de *cuidar com* muitos seres vivos em um mesmo tempo-espaço, ou ainda mais amplo, considerando também vivos de outros tempos, e seres não vivos que existem enquanto matéria - uma pedra, por exemplo - ou vivos enquanto memória e fabulação humana e mais que humana - espíritos, monstros, encantados.

Com o envolvimento com este território de trabalho aprendo sobre o cuidado. Com as crianças, observo as dinâmicas familiares: as crianças mais velhas cuidam (e são co-responsáveis) por irmãos (ãos) e primas (os) mais novos. A dinâmica é estendida para além dos vínculos familiares quando alguém cai, se machuca, chora por algum motivo ou quando juntos vamos caminhar no espaço público. Aprendo, também, o ambivalente cuidado com os espaços com os quais vivemos.

Porque interessa uma prática de cuidado ampla e multiespécies, torna-se evidente que, na espécie humana, o cuidado deve ser entendido como prática interseccional e antipatriarcal. No território de trabalho, as três

dimensões do cuidar - trabalho, afetos, ética-política - se dão cotidianamente entre atravessamentos com as dinâmicas inerentes à sociedade capitalista-patriarcal. Em um sistema estruturalmente desigual no qual são as mulheres da classe trabalhadora, especialmente do Sul Global, que exercem a maior parte do trabalho de cuidado - remunerado ou não. (Federici, 2009)

Com as mulheres, observo que são elas, majoritariamente, as pessoas responsáveis por levar e buscar as crianças à escola ou à sede do Projeto. No espaço público, conheci mães, tias, avós e estabeleci, com elas, negociações e autorizações para atividades acontecerem. De fato, as mulheres têm papel central nas ações de cuidar, extrapolando o meio doméstico e assumindo forma de trabalho reprodutivo remunerado, ou não.

Por essa centralidade das mulheres nos debates e práticas de cuidado que torna-se necessário voltar ao slogan persistente no pensamento de Silvia Federici (2018), “o que eles chamam de amor, nós chamamos de trabalho não remunerado”. Cuidado enquanto trabalho coletivo e político demanda reciprocidade, compromisso e capacidade de adaptação a situações particulares e situadas.

As táticas de usar espaço-tempo de forma coletiva e promover a partilha de saberes são protagonizadas pelas mulheres, são elas as principais dinamizadoras da criação de redes de apoio mútuo e solidariedade em diversas partes do mundo. (Stavrides, 2023: 194-197) E por isso importa visibilizar as experiências coletivas, conhecimentos e lutas acumuladas pelas mulheres no que se refere ao trabalho coletivo, aos cuidados e às práticas de comunalização. (Federici, 2018: 353)

Observo-participo, entre trabalhadores (as) do Projeto Cercar-te a complexidade de praticar o cuidado em uma dimensão na qual estão agenciadas as três propostas por Bellacasa e outras: a educação. A educação, não enquanto disciplina vinculada à instituição Escola, mas sim enquanto prática de sustentação e continuidade da vida. (Ingold, 2018) Assim, o compromisso com o ensino-aprendizagem é um compromisso com o cuidar:

Fazer pedagogias feministas inclui pedagogias de cuidado e a construção coletiva de uma ética comunitária como forma de ensinar para dialogar e negociar acordos que tornem visíveis os desafios, as propostas e os compromissos a serem estabelecidos.

As implicações estão relacionadas ao ensino que forja conexões que importam, vínculos pessoais, afetivos e comunitários para continuar com o problema. (Vazquez, 2022: 21)¹⁶

Cuidar assume múltiplas formas. É dar colo, secar lágrimas, brincar, repreender, ouvir rotineiramente *‘professora tens papel?’*¹⁷ como lembrança deste trabalho de cuidado implicado na educação como sustentação da vida.

Aqui, retomo uma inquietação que acompanha o desenvolvimento deste trabalho desde o início: a dificuldade de separar aquilo que é parte da vida e aquilo que é parte do trabalho. Se a educação está “onde e quando a vida estiver acontecendo” (Ingold, 2018), o trabalho de educação e cuidado necessita ser vivificado, e libertado do sistema capitalista-patriarcal. Um trabalho livre, co-cuidado, vivo. Gago (2020) dá pistas ao traçar o termo ‘corpo-território’ que coloca em evidência que domesticação e colonização são processos inseparáveis e que, de igual forma, é impossível falar de um corpo individual apartado do corpo coletivo, do território, da paisagem. A autora clama pela libertação do ‘trabalho gratuito não reconhecido’, que passa a tomar as ruas e espaços públicos e com isto transforma também as espacialidades suportes de nossas vidas. A vocação humana de “ser mais” e sua potência de transformação, com “invenção, reinvenção, busca inquieta impaciente e permanente que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros” (Freire, 2017:81) torna urgente um cuidado *com*, em práticas de afetações recíprocas com os territórios.

No próximo capítulo, algumas práticas de envolvimento com o território serão discutidas. Em um processo de aproximação lenta com as ferramentas metodológicas, o desafio é pensar-fazer uma educação-cuidado para construir comuns. Tendo o território como gerador de convites para o cuidado em reciprocidade, os dispositivos aparecem vivos, encarnados em corpos que estão em ação *com*.

16 Tradução livre do original: “Hacer pedagogías feministas incluye las pedagogías de los cuidados y la construcción en colectivo de una ética comunitaria como forma de hacer docencia para dialogar y negociar acuerdos que hagan visibles los desafíos, las propuestas y los compromisos por establecer. Las implicaciones están relacionadas con una docencia que configura conexiones que importan, vínculos personales, afectivos y comunitarios para seguir con el problema. (Vazquez, 2022: 21)”

17 Uma escuta impaciente pode compreender que este papel é uma folha A4, por exemplo destinada a alguma atividade pedida. Esta pergunta refere-se a lenços de papel para higiene do nariz. A recorrência da pergunta me fez perceber que - provavelmente - esta é uma prática entre profissionais da educação: ter lenços à mão para estas situações. Eu nunca tenho.



Figura 07: Atividade mediada e proposta por (____). Setembro de 2024.

Dois. Habitar *entre*, fazer *com*¹⁶

Ouvir e contar uma profusão de estórias é um *método*. (...) Seu objeto de pesquisa é a diversidade contaminada; sua unidade de análise é o encontro indeterminado. (Tsing, 2015: 85)

Habitar esta pesquisa convoca um conjunto de práticas situadas que configuram uma *fase cuidadosa de aproximação* com o território do Bairro do Cerco do Porto e com o Projeto Cercar-te. Também convoca a composição de uma *fase cuidadosa de aproximação com as ferramentas* de trabalho. As opções metodológicas, aqui, tomaram forma a partir dos agenciamentos do próprio campo. É cartografar aquilo que já lá está, observar-participar e fazer *com*.

Donna Haraway (2023), fala sobre as figuras de barbante - ou mais especificamente, sobre SF: *science fiction, speculative fabulation, string figures, speculative feminism, scientific fact and so far* - enquanto método de rastreio, coisa em si, prática e processo:

Em primeiro lugar, (...) tento rastrear os fios e segui-los até onde eles conduzem, a fim de encontrar seus padrões e emaranhados cruciais para ficar com o problema em tempos e lugares reais e específicos. (...) Em segundo lugar, a figura de barbante não constitui o rastreio, mas a coisa em si, o padrão e a assembleia que solicitam uma resposta; (...) Em terceiro lugar, as figuras de barbante são feitas ao passar e receber, ao fazer e desfazer, ao puxar os fios e soltá-los. SF é prática e processo; é devir-com reciprocamente em retransmissões surpreendentes; é uma figura para a continuidade no Chthuluceno. (Haraway, 2023: 12)

Aqui, o “compromisso em colocar no mesmo plano o pensar e o fazer” (And Lab, 2019) em interferência mútua explicita o método de rastreio, coisa em si, prática e processo. As práticas de etnografia, cartografia, educação e mediação são agenciadas.

Com o território, aprendo e desaprendo como ampliar as formas de contar estas estórias, tentando me afastar de uma representação única. Os movimentos não são lineares, compõem um observar-participar e participar-observar com brincadeira, corpo, jogo, trabalho coletivo e mais. Estas práticas e ferramentas serão abordadas nos próximos subcapítulos.

¹⁶ Um primeiro esboço deste capítulo foi escrito entre novembro e dezembro de 2024, com inconstância, enquanto eu e algumas plantas vivíamos em uma casa onde cuidava de coisas minhas e não só. Ao amigo Rafael, agradeço a generosidade. O esboço inicial é revisado em abril, depois da travessia de verão.



Figura 08: Inventário de encontros com o Jardim do Pinheiro Grande. Março de 2025.

Amoras, beatas, cascas, desenhos

Arriscar agenciar a epistemologia dos cuidados e dos comuns com um chão específico coloca como central os encontros porque o encontro é pensado enquanto afetação e inventação recíproca, em um devir-comum. O encontro redefine aquilo que é entendido como possível e pensável, aponta caminho para germinações de outros mundos e outros modos para viver juntas, nos atravessa enquanto ferida e interpela pelo cuidado: “O encontro, então, só se efectua - só termina de emergir e começa a acontecer - se for reparado e consecutivamente contra-efectuado - isto é, assistido, manuseado, cuidado, (re) feito, a cada vez, in-terminável.” (Eugénio, 2019: 14)

A disponibilização ao encontro é uma tomada de posição do corpo-pesquisadora. É “se deixar levar” pelo campo coletivo de forças (Barros e Kastrup, 2009: 57) e depende da desobstrução do corpo e do inconsciente às forças do mundo, momento no qual somos convidadas a ‘jogar o jogo da ação’ e agenciar o desejo de conservar a vida em sua potência fértil. E enfrentar a fragilidade, estranhamento e desconforto que surgem. (Rolnik, 2020).

Após uma interrupção nos nossos encontros - consequência de uma viagem de um mês e meio ao Brasil - retorno à Casa do Pinheiro Grande no fim de março, sem preparação prévia do que faríamos. Decidimos ir ao Jardim. Na aproximação entre as crianças e o chão, muitos encontros se dão. À medida que me convidavam para observar, eu celebrava e fotografava, enquanto ouvia novos chamados. Amoras silvestres, cascas de caramujo, uma pedra de ouro (e outra que ficamos em dúvida se era mesmo diamante) sementes, ervas-daninha em flor, uma barra de ferro, duas abelhas. Uma cobra, que fugiu antes que eu a visse.

Este é mais um inventário de encontros no Jardim, parte de uma lista extensa: isqueiro queimado, torradeira rosa, saco de limões, roupas, beatas de cigarro, fezes e papéis higiênicos, seringas descartáveis, cápsulas de remédio, plásticos e embalagens... É com todos estes encontros que tecemos as práticas situadas neste território. No reencontro de primavera, escrevi no diário de campo ‘Senti carinho e alegria por estar de volta’.

Antes, entre os meses de janeiro e novembro de 2024, os encontros aconteciam quinzenalmente, às segundas-feiras à tarde, na sede do Projeto Cercar-te. Os encontros assumem formas variadas ao longo do tempo, e se dão com o grupo de crianças e adolescentes participantes mas também com técnicos (as), diretor, estagiárias (os), formadoras (es), mães, pais, avós, avôs, vizinhas, outros mo-

radores (as) do bairro, vendedoras dos comércios locais, animais domésticos e de rua, insetos, plantas, e mais.

Desde o primeiro encontro, identifiquei que manter um caderno de anotações seria importante para o desenvolvimento do trabalho. Naquele momento, não como opção consciente de um método, mas sim parte de um hábito: escrever e desenhar são práticas do meu cotidiano como forma de construir sentido e lembrar.

No diário de campo, o texto escrito é o “ponto de fixação das realidades que os órgãos dos sentidos captaram - mas é também o lugar de construção de seu significado sócio-cultural” (Fernandes, 2002: 24). É possível incluir reações emocionais de quem escreve, ensaios críticos, conversas e observações sobre as situações vividas, poesia, fotografias e desenhos (Rose, 1990 apud Fernandes, 2002: 27 -28), em uma composição multigêneros.

Este caderno específico¹⁷ dediquei apenas este processo, ainda que sua produção não tenha sido linear nem sistematizada a priori, mas sim uma sucessão de movimentos de aproximação e afastamento com a própria ferramenta. Neste processo de aprendizado *com*, preciso compor lacunas na escrita, com desenhos de observação, registros com tempos curtos ou grandes demais em relação aos acontecimentos, registros meus e de outros.

De início, necessitei uma categorização para anotar as atividades propostas e incluir o que, de fato, acontecia em cada encontro - e que me interessava muito mais. Começo, então, a subdividir cada relato em ‘Atividade proposta’ e ‘Realidade’. Em ‘realidade’, os registros pouco a pouco aproximaram-se de uma etnografia na qual eu escrevia aquilo que via, ouvia, presenciava.

Apontava também condições meteorológicas, sentimentos, a forma como me deslocava para chegar o Bairro, acontecimentos do caminho... Em algum momento, a categorização deixou de ser necessária, a escrita da ‘realidade’ tomou corpo próprio e é com ela que compoño aprendizados com este território até o presente momento.

*Dia 02: Real
Atividade 01 funcionou como uma brincadeira (...) não
houve registros.*

¹⁷ O caderno é em formato A5, tem uma capa simples preta. Meu pai comprou no Brasil e resolveu enviar pelos correios no primeiro mês do ano de 2024, junto a um bilhete manuscrito em um A4 dobrado: desejava um excelente ano novo. Este bilhete que atravessou o Atlântico permanece junto ao caderno durante todo este processo.

Realidade 15/08

Primeira vez que vejo pessoas morando (com um abrigo precário feito de guarda-chuvas) na cobertura da Igreja. Foi um dia confuso desde o início porque tinha coisas a fazer na FBAUP antes. Cheguei na hora, mas correria.

16 setembro

Tentar retomar os relatos, ainda durante a atividade. Terminar 15min antes e escrever ser parte essencial do próprio trabalho. Indissociável.

11 novembro

Escrevo de casa, após Cerco. Cheguei e vi uma briga na paragem de autocarro. Dois homens aos berros. Tava sol e fui de bicicleta, (____) me pediu para andar, não deixei por causa da vez com (____).

Ingold (2014), clama por uma substituição da ideia de pesquisa de campo etnográfica, por um compromisso ontológico com a ideia de observar-participar para aprender com as pessoas e coisas, “acompanhá-las em princípio e prática” em “engajamentos diretos, práticos e sensíveis com aquilo que está à volta.”

A cartografia é incorporada, inicialmente, como ferramenta para aprender *com*. Em um gesto de afastamento a processos de poder e objetificação que identificam, categorizam, e decidem sobre a representação dos territórios e sujeitos, a cartografia é composta coletivamente, como processo de rastreio e construção de significado comum.

(...) O mapeamento é um meio, não um fim (...), um “meio para” a reflexão, a socialização de saberes e práticas, o impulso à participação coletiva, o trabalho com desconhecidos, a troca de conhecimentos, a disputa de espaços hegemônicos, o impulso à criação e à imaginação, a problematização de nós-chave, a visualização de resistências, o apontamento de relações de poder, entre muitas outras coisas.. (Iconoclastas, 2013: 7)¹⁸

Foram as tentativas de presentificar o diário de campo no próprio ‘campo’, que tensionaram em mim uma questão latente: apesar de vivermos juntos estes acontecimentos, sou eu quem os escreve e registra. Do outro lado, o tensionamento também se deu: o corpo-caderno e o

¹⁸ Tradução livre do original: Por eso decimos que el mapeo es un medio, no un fin. Debe formar parte de un proceso mayor, ser una “estrategia más”, un “medio para” la reflexión, la socialización de saberes y prácticas, el impulso a la participación colectiva, el trabajo con personas desconocidas, el intercambio de saberes, la disputa de espacios hegemónicos, el impulso a la creación e imaginación, la problematización de nudos clave, la visualización de las resistencias, el señalamiento de las relaciones de poder, entre muchos otros. (Iconoclastas, 2013: 7)



Figura 09: Caderno n. 01. Desenho e escritas coletivas no Baloioço. Dezembro de 2024.

corpo-pesquisadora geravam perguntas sobre o que eu escrevia e desenhava ali. Algumas vezes, estes dois tensionamentos se misturavam quando nossos desejos eram a passagem do caderno a outras mãos.

Aos poucos, por inquietações sobre a produção, coleta, análise e representação de dados, a composição dos registros torna-se pluriforme e se expande em outros suportes e formatos: mapas, desenhos de observação, registros de áudio, fotografias, etc. Em temporalidades distintas, as composições do próprio processo me aproximam da etnografia e da cartografia. Uma prática cuidadosa, aqui, requer especial atenção aos desafios inerentes de identificar opções metodológicas adequadas em um território que apresenta vulnerabilidades sociais, ambientais e econômicas. Nesta prática em específico, os demais sujeitos incluem crianças e adolescentes, com os quais interessa contar esta estória, e não sobre os quais pesquiso.

Foster (1995), aponta o fim do século XX como momento no qual se desenvolve uma virada etnográfica na produção artística contemporânea. O 'artista como etnógrafo' permanece, tal qual 'o autor como produtor' de Walter Benjamin, contestatório às instituições e sistema da arte capita-

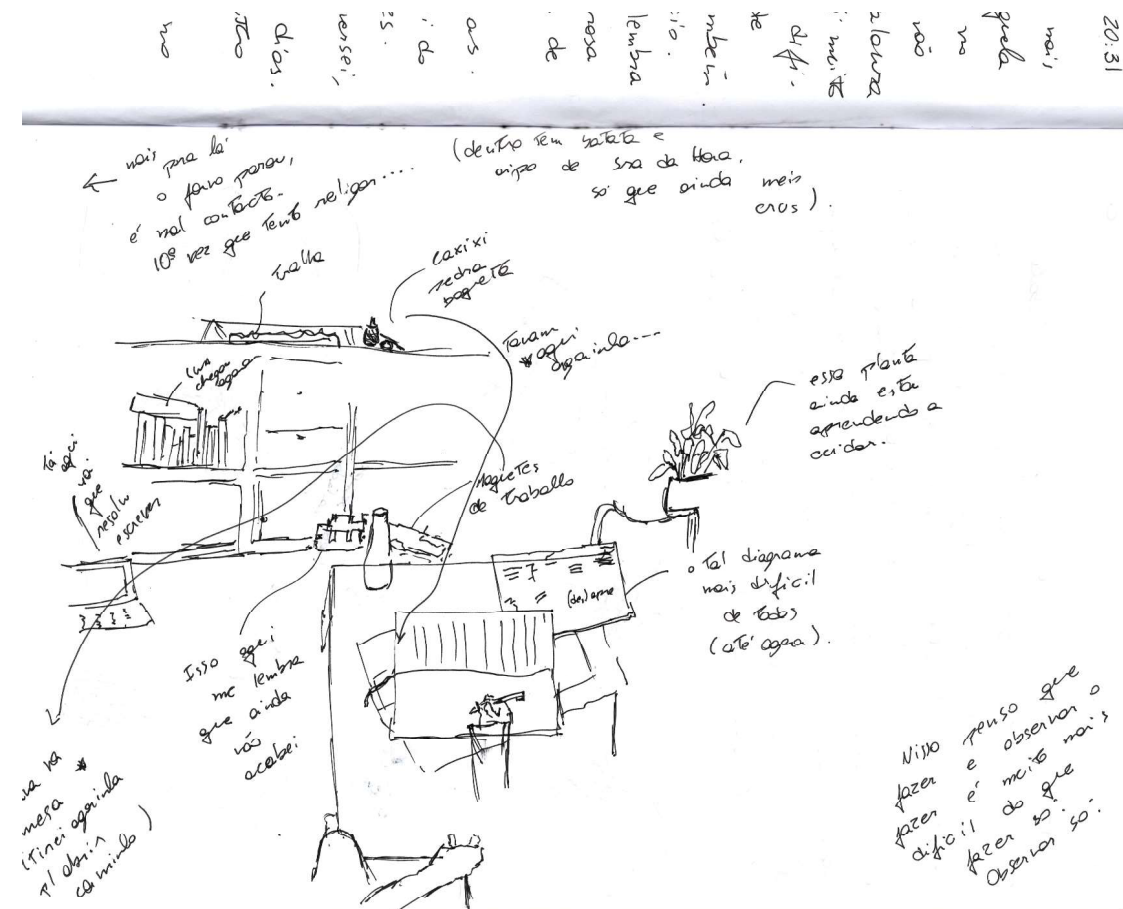


Figura 10: Caderno n. 02. Autoetnografia . Dezembro de 2024.

lista-burguesa. Mas, agora, sua solidariedade passa a ter como sujeito o *outro* definido por fatores culturais e não mais de classe.

O novo processo metodológico traz riscos inerentes a uma “demasiadamente pouca ou muita distância” em relação ao outro “em nome de quem o artista engajado mais frequentemente luta”. Para negociar o “status contraditório da alteridade como dada e construída, real e fantasmática”, o autor propõe uma obra paraláctica, que procura “enquadrar o enquadrador enquanto este enquadra o outro”¹⁹. (Foster, 2014: 184-185)

30 setembro

No início da aula fiz uma votação p/ ver se íamos para fora ou não. Ficou empatado. Decidi não ir. Acho que hoje eu cai no punitivismo. O que teria acontecido se fôssemos para fora e o flamenco no jardim fosse a aula? Eu pensei que assim eu ia perder a queda de braço do respeito. Talvez o erro foi meu. Estou cansada e frustrada.

¹⁹ Para o autor, esta opção não esgota as contradições: poderia levar a um hermetismo ou narcisismo. Ainda assim, coloca-se para além do impasse entre uma superidentificação redutora e uma desidentificação assassina do outro. (Foster, 2014 185)

A cartografia não procura controlar as variáveis, coletar dados ou buscar informação. Antes, sua prática centra-se em acompanhar os processos, exercitando uma atenção que evita tanto o 'relaxamento passivo' quanto a 'rigidez controlada', em recusa ativa à representação do objeto. Procura "desenhar a rede de forças à qual o objeto ou fenômeno em questão se encontra conectado, dando conta de suas modulações e de seu movimento permanente." Os processos a serem cartografados não se iniciam em conjunto ao início da prática cartográfica, pelo contrário, já lá estão, em temporalidades e espessuras múltiplas. Cabe ao aprendiz cartógrafo habitar o campo e estar com as pessoas e territórios, ao mesmo tempo modificando e sendo modificado pelos acontecimentos, em uma postura flui entre a observação participante e a participação observante, 'sempre na situação paradoxal de começar pelo meio' (Barros e Kastrup, 2009: 56 - 58):

Trata-se, em certa medida, de obedecer às exigências da matéria e de se deixar atentamente guiar, acatando o ritmo e acompanhando a dinâmica do processo em questão. Nesta política cognitiva a matéria não é mero suporte passivo de um movimento de produção por parte do pesquisador. Ela não se submete ao domínio, mas expõe veios que devem ser seguidos e oferece resistência à ação humana. Mais que domínio, o conhecimento surge como composição. (Kastrup, 2009: 49)

A aprendizagem com cada situação específica exige tomadas de posição mais cuidadosas, coerentes e prudentes a cada vez. Ao ler o encontro entre espécies de Aline e Chuvisco nas margens do Rio Peruaçu²⁰, aprendi com o gesto atento, cuidadoso e reparador dela. Quando Aline percebe o incômodo do cão com o registro feito pela sua máquina fotográfica, esboça reparações entre o insuficiente apagamento do animal da imagem, e o sensível redesenho do corpo-cão atento que nos observa.

Olho para esta foto, a sombra do fotógrafo, a minha câmera na mão de tantas pessoas, nesse dia. A foto foi, aqui, consentida. Posamos, sorrimos, olhamos para a câmera. Mas como colocá-la num trabalho 'pesquisa', que sou eu a narrar, sozinha? Quando não é a câmera, mas caderno e lápis, escrevo uma coisa nossa. Mas escrevo eu. E quando sou questionada do que estou a fazer... Me pergunto também, que direito eu tenho de ser a narradora desta estória? De dizer como as coisas aconteceram, de escrever nomes.

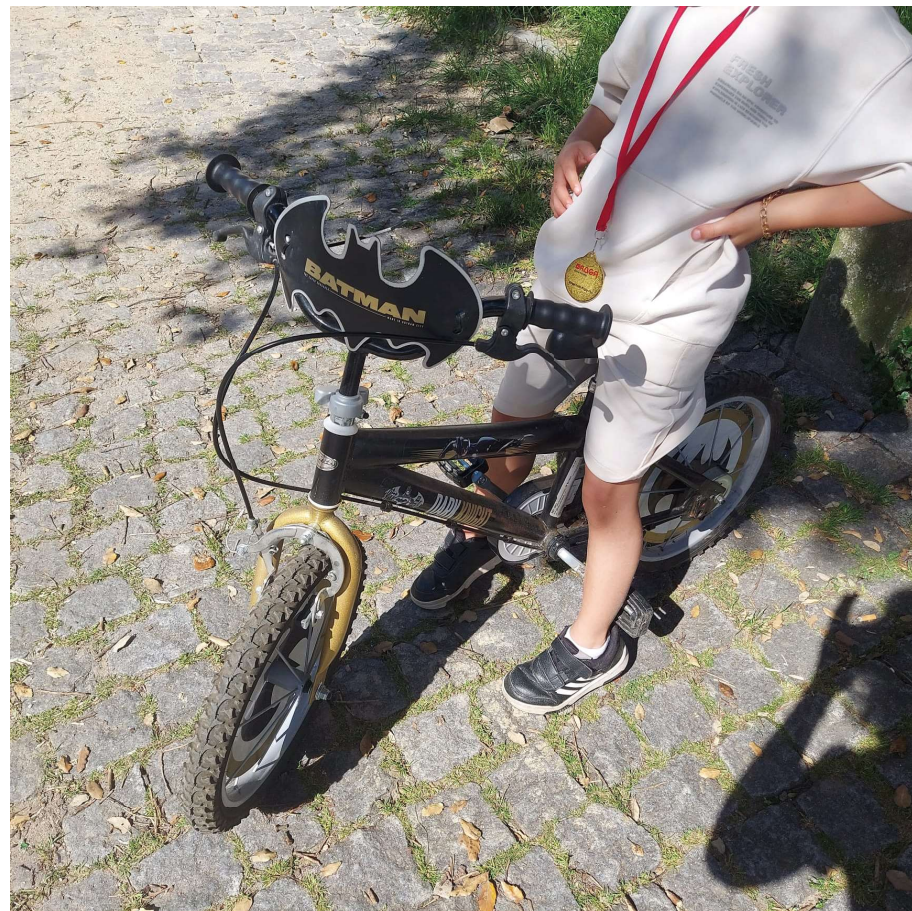
20 Aline fala de um 'analfabetismo multiespécie', que impediu-a de negociar com o cão uma possível permissão para fotografá-lo em seu próprio quintal. Quando a captura da imagem é feita, o olhar atento de Aline repara em um desconforto do animal. (Franceschini, 2023: 65)

Em uma coletivização de conhecimentos com os territórios - emancipatória, autônoma e contra-hegemônica - torna-se urgente também repensar e refazer as narrativas, de forma coletiva. Porque as representações não se separam dos desejos, passa a fazer então sentido uma prática de etnocartografia, (Bittencourt, 2011; Nobre, Amorim, Frangella; 2019) na qual é possível composições e diálogos entre diferentes métodos, tanto no trabalho corporificado quanto no registro e análise dos acontecimentos.



Figura 11: Deriva pelo Bairro do Cerco, Março 2024. Intervenção com fita cola. Janeiro de 2025

Bicicleta, jogo, mutirão



Figuras 12 e 13: Bicicleta, forma de bolo e desenhos à frente do CID. (_____) e a bicicleta do Batman no baloiço. Março e abril de 2025

Os processos de etnografias e aprendizados com o Bairro do Cerco, convidam à ação. O objetivo inicial de *construir dispositivos* é agenciado com práticas de mediação²¹ que assumem ou não o caráter de dispositivo material. Em alternativa às ferramentas do projeto civilizatório colonial-capitalista, emergem o corpo, o jogo e o trabalho coletivo como ferramentas para a partilha de saberes.

Componho a mediação com a educação dialógica de Paulo Freire (2017): é em uma práxis de pronúncia coletiva do mundo que a educação produz modificações nos sujeitos e no mundo. A dicotomia educador e educando dá lugar ao processo de aprendizagem no qual ninguém educa ninguém, mas somos educados uns com os outros e com o mundo.

16 setembro

Convidei para que alguém desse aula no meu lugar. (____) e (____) quiseram fazê-lo. Decidiram por jogar Lobo na aula da (____) (1ª metade). Depois Rugby na do (____). Na uma hora final assumi para tentar duas coisas: esboços do Rio-escada e falar sobre o compositor roubado.

Os processos de ensino-aprendizagem foram tecidos com o território, em práticas de cultivo. A arte e educação artística são agenciadas como ferramentas potentes para o desenvolvimento de pensamento crítico em experiências complexas e temporalmente longas. Longe da expressão individual ou do ensino de técnicas artísticas, interessam a responsabilidade cívica e a transformação do presente. (Cammitzer, 2009; Acaso, 2017)

A bicicleta que me acompanha em todos estes deslocamentos²² tornou-se também um disparador de ensino-aprendizagem quando começamos juntas o cultivo de um hábito. Moviada por pedidos, passo a disponibilizar a bicicleta no início de cada encontro para pequenas voltas à frente da Casa do Pinheiro Grande. Alguma confiança se estabelece e as voltas tornam-se mais longas: chamar um amigo na rua de cima, ir à loja, à paragem de autocarro, etc.

²¹ Concomitantemente ao desenvolvimento deste trabalho, aprendo com o Serviço Educativo da Fundação de Serralves, com os colegas e com os grupos - de diversos públicos - o trabalho cuidadoso de mediação cultural em um contexto institucional. Aprendo também com os espaços desenhados pelo arquiteto Álvaro Siza, com as exposições, com as equipes de assistência de sala, segurança, manutenção, limpeza, jardinagem, receção, mais.

²² Em um processo de cerca de dois meses, a bicicleta foi montada a partir de peças em segunda mão, na Cicloficina do Porto. É no espaço comunitário e autogerido que é possível a manutenção, arranjo e montagem de bicicletas. Agradeço aos ciclistas e ativistas deste espaço, pela partilha de saberes e ferramentas que fez nascer Alba, a bicicleta de quadro branco e cesto que me acompanha nos deslocamentos urbanos.

Também as crianças mais novas criam forma de participar: por vezes levadas no compartimento de cargas enquanto as mais velhas pedalam, por vezes sentadas - sozinhas, em pares ou trios - e empurradas por mim. Deste hábito fazem parte quedas, conflitos, corrente solta e recolocada, porta cargas danificado e arranjado, muitas buzinas. Ramificações deste hábito surgem quando a bicicleta é acompanhada por outras, quando os passeios se dão em outros lugares, quando alguém aprende a recolocar a corrente, ajustar o banco ou prender com cadeado a bicicleta na grade.

Falo da bicicleta para contar sobre o movimento e o corpo. Poderia falar sobre o brincar, a música, a dança, o esporte, sobre as vezes que esta cinética corporificada para partilha de saberes se deu plantando banana (ou fazendo o pino). Aprendo com o grupo participante sobre o “corpo como lugar de inscrição do conhecimento da memória” (Martins, 2023):

Como sopro, hálito, dicção e acontecimento, a palavra proferida grafa-se na performance do corpo, lugar da sabedoria. Por isso, a palavra, índice do saber, não se petrifica num depósito imóvel, mas é concebida cineticamente. (...) O corpo em performance restaura, expressa e, simultaneamente, produz esse conhecimento, grafado na memória do gesto. Performar, nesse sentido, significa inscrever, repetir transcribando, revisando (...) (Martins, 2023: 128 e 130)

São desvios que dão pistas sobre gestos dissidentes do projeto civilizatório colonial-capitalista, onde performar o corpo emerge como potência de fazer a cada vez, novos arranjos, recompostos e inacabados, continuamente manuseados. Os arranjos e encontros são com aquilo que já existe e emerge. É a brincadeira, a nossa principal ferramenta:

O brincar se faz como emergência de movimentos, tempos e espaços não dominados por uma lógica bancária. Assim, se inscreve brincadeira com tudo que o corpo dá, seja esse corpo humano ou mais que humano. A brincadeira como linguagem e disponibilidade para a ritualização da vida se faz com movimentos, sons, ritmo, pedras, folhas, quintais, chuva, formigas, flores, mata, rio, mar, e gente. (Rufino, 2023 :19)

16 dez

Levei giz para irmos brincar no jardim. Mas quando cheguei - e foi um chegar lento: primeiro 2min de conversa com (____) e (____) e (____), quando passava de bici. Depois, mal chego e (____) vem à porta pedir para andar de bicicleta. (____) e (____) também andam. Depois (____) pede para irem ao balanço, e pede insistentemente. Explico que pode ser, mas que tinha pensado jardim. Vamos à sala, votação feita, quase empate, vamos ao baloiço.



Figuras 14 e 15: Jogo da Macaca e sol amarelo pintados com giz e tinta com o Jardim do Pinheiro Grande. Maio de 2024

É esta disponibilização para a “brincadeira séria do fazer-comum” que exige um “fazer com o que se tem”. O jogo e o improviso aparecem como ferramenta para *entrar em relação com*, ferramenta para “criar, a cada vez, um plano comum”, sem regras pré-estabelecidas, mas sim, com regras que emergem do próprio jogar. (And Lab, 2019) Sobre o jogo, aprendo com a capoeira angola,²³ o improviso gingado e contextual que move o corpo capoeirista é um jogo de perguntas e respostas sempre em movimento de abertura, em diálogo com tudo o que está à volta.

Enquanto responde aos movimentos que vieram antes é processo gerador para os que virão a seguir. Na prática de capoeira o jogo de corpo habita um lugar entre a brincadeira e a batalha em um jogar sempre não conclusivo. Na investigação encarnada deste trabalho me deixo também atravessar pela proposta do Modo Operativo AND²⁴ na qual o jogo é ferramenta para uma entrada em relação uns com os outros exercitando a frequência da atenção e da pausa. A construção dos comuns exige habitar em coletivo um trabalho vivo, corporificado, brincante, cuidadoso, em jogo uns com os outros. Ao compor o jogo com a tralha, o exercício de escuta é primordial.

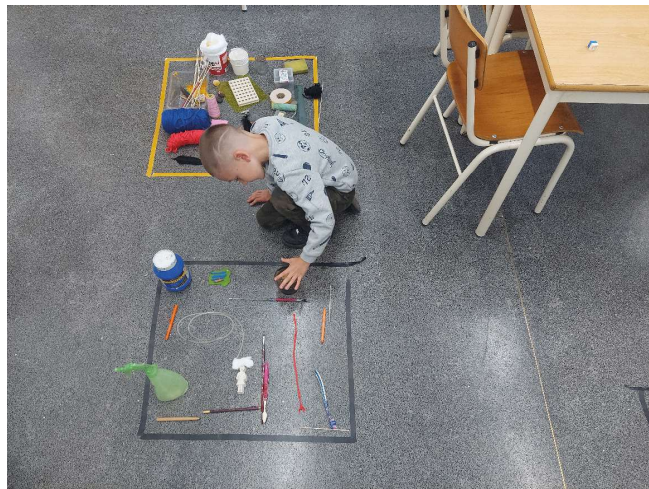


Figura 16: Jogo Modo Operativo AND. Janeiro de 2024.

23 Com a prática de Capoeira Angola aprendo, lentamente, a retomada possível e fértil dos saberes do corpo, o jogo e a brincadeira. Lê, quem me ensina, Mestre Fantasma e grupo Relíquia de Espinho Remoso. Uma honra fazer parte.
24 Ver EUGÉNIO, 2019. Agradeço ao amigo Pedro por mediar tempo-espço para a Ocupação MADEP na Galeria da Cozinha da FBAUP, onde pudemos jogar e viver juntas por uma semana.

É evidente a dimensão coletiva destas ações. Penso, também, no trabalho coletivo enquanto ferramenta. Ao colocar um cartaz no mural de avisos à entrada da Casa do Pinheiro Grande, percebi que *mutirão* não é uma palavra comumente utilizada em Portugal. O cartaz era um lembrete para o primeiro momento de limpeza coletiva do Jardim, cuja data e lista de materiais tinha sido definida com alguns participantes. Ouvi, então, de um dos trabalhadores do Cercar-te que pesquisaram o significado da palavra para a compreender.

Mutirão tem origem etimológica na língua tupi: *motirõ* ou *motyrõ* designa “reunião para colheita ou construção”, ou “trabalho comum”.²⁵ No Brasil, a palavra-ação *mutirão* é performada cotidianamente, como forma de ajuda mútua. Nas cidades, está ligada à luta por moradia tomando forma de *mutirão* autogestionado na qual membros da família, vizinhos e amigos são convidados a trabalhar na construção ou melhoria das habitações, muitas vezes aos fins de semana.

O trabalho de cuidado e construção dos comuns passa, então por reaproximar o próprio trabalho da liberdade, onde a arte pode emergir reassociada à vida:

(...) arte é manifestação de alegria no trabalho. Para que esta alegria seja autêntica, o trabalho tem que ser livre. (...) Arte é a expressão enfática do gesto justo. Daí a minha defesa do ornamento autêntico, a verdadeira arte de todos: a exaltação, o canto que amplia a necessidade autônoma do fazer livre, o único humano. (Ferro, 2006: 430)

05 de agosto

Hoje fizemos uma pequena reunião de ponto de situação do processo de mutirão de limpeza do jardim. Continua difícil mobilizar trabalho, ou mesmo interações e conversas. Desde o primeiro mutirão já fizemos grandes avanços. Algumas pinturas, ‘brincadeiras’, limpeza do mato, do chão, do lixo. Algumas vezes cheguei lá e ouvi pedidos para irmos para o jardim.

Nas páginas que seguem, são partilhados os acontecimentos que emergem a partir destes gestos de habitar entre e fazer com. É com a cartografia, etnografia, educação, mediação, amoras, cascas, beatas, desenhos, bicicletas, jogos, *mutirão*, uma terra impossível, nós, o jardim, desvios, um baloiço. É em movimentos de multiplicidade e abertura.

25 Dicionário de Tupi da Fundação Nacional dos Povos Indígenas - FUNAI-BR, disponível em: <http://biblioteca.funai.gov.br/media/pdf/Folheto43/FO-CX-43-2739-2000.pdf> Acesso em 04/01/2025.

MUTIRÃO LIMPEZA DO JARDIM

PLANEJAMENTO

- ☐ DEFINIR DATA (04 maio)
- ☐ PRODUIR CARTAZ DIVULGAÇÃO
- ☐ PLANEJAR ATIVIDADES PARA O DIA
- ☐ LISTA DE MATERIAIS E EQUIPAMENTOS NECESSARIOS
- ☒ FOTOGRAFAR O JARDIM AGORA
- ☐ DESENHAR UM ESBOÇO INICIAL DAS PROPOSTAS
- ☐ RELATÓRIO PARA CAMARA (AUTORIZAÇÃO)
- ☐ IDENTIFICAR PARCERIAS PARA AJUDAR
- ☐ CONVIDAR PESSOAS DO BAIRRO (LIDERANÇAS)
- ☐ DEFINIR REGRAS PARA SEGURANÇA DE TODOS
- ☐ PENSAR LOGISTICA CRIANÇAS / ALIMENTAÇÃO

ATA REUNIÃO

01 ABRIL

→ IDENTIFICAR PARCERIAS:

LIVRAMENTO ± 15 PESSOAS

→ DIA 04 maio (verificar) 9 as 18H

→ ATIVIDADES:

- PINTAR AS GRADES
- RETIRAR O LIXO
- CORTAR O MATO
- PLACAS COM PALETES

— LISTA MATERIAIS:

pinças; tinta; martelo; serrão; lixas;
máquina; sacos; vassouras; luvas; desinf.
antes; galochas; óculos de proteção; pregos

— SABORES DO NORTE - ALMOGO
MERCADONA . _____ ↑

Figura 17: Cartaz Mutirão de Limpeza do Jardim e Ata da Reunião de preparação. Abril 2024.

Três. Acontecimentos com

Escrever é, efetivamente dizer: espalhar-se pelo mundo sem se dispersar nem nele se diluir, e sem receio de nele exercer os poderes da oralidade que tão bem se adaptam à diversidade de todas as coisas: a repetição, a reiteração, a fala circular, o grito em espiral, as quebras na entonação. (Glissant, 2024: 102)

Neste capítulo, vários acontecimentos com o bairro, com esta comunidade, com o jardim e com o entorno são partilhados. Ao longo de cinco subcapítulos, cuido de reunir histórias inconclusivas e fractais que emergem de processos complexos, situados, ainda em curso. A escrita caminha lado a lado com outros registros: desenhos, fotografias, mapas, vozes, mais.

Longe de uma uma descrição linear e exaustiva, componho aqui recortes e instantes que pedem atenção. Uma atenção à espreita que flui em circuitos, permeada pelos acontecimentos latentes e emergentes. Com igual atenção a tudo, espera-se aquilo que se manifesta, sem conhecimento ou julgamento prévio. (Kastrup, 2012)

O convite é para uma leitura-caminhada.

Em *uma terra impossível*, estamos com o Bairro do Cerco do Porto. O território de trabalho é apresentado incorporando conhecimentos acadêmicos ao mapeamento coletivo e às mi-

nhas próprias observações-participantes neste pouco mais de um ano de aprendizados e desaprendizados com o bairro.

A seguir, em nós: *galegos, senhores, professora, CID*, falo sobre o lento processo de conhecermo-nos uns aos outros. Falar sobre a comunidade que habita esta pesquisa com ética e cuidado é desafiante. Escolho compor com registros fotográficos de autoria das demais pessoas participantes. Juntas, observamos e falamos sobre a Casa do Pinheiro Grande, sede do Projeto Cercar-te e principal espaço com o qual vivemos: o CID.

É em *Jardim do Pinheiro Grande, ou do CID* que relato o processo inicial de requalificação da área exterior do edifício. As transformações - sobretudo imateriais e simbólicas - podem deixar os mais apressados um pouco impacientes. Antes do jardim brotar, é preciso preparar o chão.

Arriscamos juntas alguns *Desvios: Parque Oriental, Lagarteiro, Horta das Oliveiras, etc.* Derivas, jogos, novas caminhadas que nos colocam em relação com o entorno: o principal equipamento público da zona oriental da cidade, o bairro ao lado, uma horta coletiva, etc.

Ao observar caminhos pedonais em meio ao terreno, avistamos um *Baloço*. Com este espaço aprendemos sobre os *comuns*, brincando.

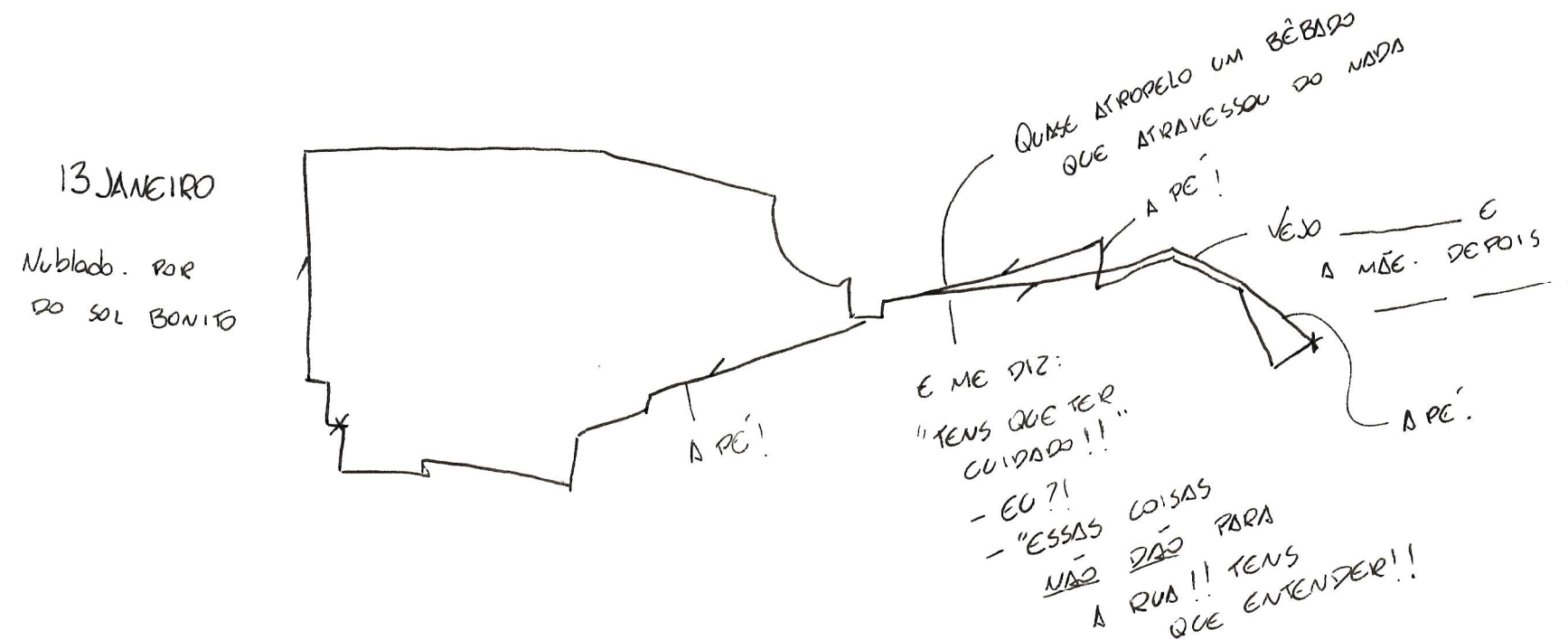


Figura 18: Percurso, 13 de janeiro de 2025.

uma terra impossível

O Bairro do Cerco do Porto é um bairro de habitação social situado na Freguesia de Campanhã, Zona Oriental da cidade do Porto. O bairro, construído em 1963 e ampliado em 1991, conta atualmente com 34 blocos e 892 fogos, sendo um dos maiores bairros de habitação social da freguesia, com cerca de 2059 moradores²⁶.

No ano de 1956, face à necessidade de provisão habitacional no município, é instituído o 'Plano de Melhoramentos da cidade do Porto'²⁷ que visava a construção de 6000 fogos no período de dez anos a partir de janeiro do ano seguinte. O programa habitacional previa a solução de dois problemas em simultâneo: a demolição das *ilhas*²⁸ e a criação de zonas de expansão da cidade que garantiriam um 'crescimento correcto e ordenado', com o desadensamento das áreas centrais.

O problema 'de ordem moral, social e política' das *ilhas*, é extensamente referido no texto do Decreto-lei por sua difícil solução e prolongada persistência no tempo, apesar dos progressos obtidos nas várias tentativas de resolução empenhadas pelo poder público municipal. A primeira menção, do ano de 1884, refere a "profusão dos 'alvéolos imundíssimos das *ilhas*, húmidos e lóbregos, sem ar e sem luz' onde se abrigava mais de um sexto da população da cidade", destacando que esta população apresentava alta taxa de mortalidade, inclusive infantil, dada a carência de água potável e más condições de higiene e salubridade.

Em paralelo, a criação de zonas de expansão da cidade previa que os planos de urbanização de conjunto seriam 'cuidadosamente estudados' conforme a legislação vigente, de forma que os núcleos de habitações construídas iriam integrar-se

²⁶ Dados disponíveis em: Bairro do Cerco do Porto in Domus Social. Disponível em: <https://www.domussocial.pt/bairros-lista/cerco-do-porto> Acesso em 13/02/2025.

²⁷ Ministério das Obras Públicas, Decreto-Lei 40616, de 28 de maio de 1956. Disponível em https://www.cm-porto.pt/files/uploads/cms/DR_pla-no_melhoramento%201956%20Jos%C3%A9%20Albino%20Machado%20Vaz.pdf Acesso em 01/05/2025.

²⁸ As *ilhas* são uma tipologia habitacional característica da cidade do Porto, que teve origem na expansão demográfica da cidade no período de sua industrialização, em meados do século XIX. As habitações de diminutas dimensões e baixa qualidade eram destinadas à classe trabalhadora. No ano de 2022, mais uma iniciativa municipal prevê a reabilitação das ilhas, consultar: VAREA ORO, Aitor. 2022. *Ilhas do Porto: reabilitar para incluir.* coord. Aitor Varea Oro ; fot. Alexandre Alves Costa... [et al.]. - 1ª ed. - Porto : Município do Porto : Porto Vivo-SRU, 2022.



Figura 19: Mapa do Bairro do Cerco do Porto, primeiras aproximações. Maio 2024

nestas zonas de expansão urbana. Assim, seria indispensável que o poder público ‘clame à sua posse (...) a maior extensão possível dos terrenos livres ou precariamente ocupados a integrar nestas zonas, para os devolver depois urbanizados à actividade das entidades interessadas na edificação da nova cidade’. (Decreto-Lei 40616/1956)

O Plano de Melhoramentos da Cidade do Porto, origina, então, a criação de conjuntos habitacionais em diversas zonas da cidade. Na Freguesia de Campanhã, fazem parte deste contexto a construção dos bairros de São Roque da Lameira e do Cerco do Porto. Assim, o Bairro do Cerco do Porto é construído a partir de um desenho urbano que tem fortes relações com os princípios pregados na Carta de Atenas (1933), bastante difundida nas décadas de 1950 e 1960. Diversos autores concordam, no entanto, que o desenho urbano e a implantação dos edifícios e sua correspondente adaptação ao terreno e topografia geram espaços públicos mal definidos, setorizados e fragmentados. (Guerra, 2002; Bismark, 2018 apud Conceição, 2023)



Figuras 20 e 21:
Bairro do Cerco do
Porto, anos 1960.
Fotos de Astro-
gildo Gonçalves.
Acervo Domus
Social.

Em determinado momento ouvi desejos de bom trabalho com uma frase que não me saiu da cabeça. Para quem proferiu o “Boa sorte, essa terra é impossível!”, a impossibilidade referia-se ao Jardim do Pinheiro Grande, mais especificamente à ausência de nutrientes e baixa fertilidade para o plantio da horta comunitária que planejamos há um ano. A escuta ativa me indicou que porque o jardim é um sistema simpoiético em relações abertas e interdependência mútua com tudo o que está à volta,²⁹ esta frase não poderia ser entendida como circunscrita a este pequeno pedaço de terra. Algumas pistas para dedicar-se ao impossível - que por esta natureza mesmo, torna-se também urgente:

(...) ‘fazer (n)o difícil’ (e agora, como em Nancy) que é, a todo e a cada dia, recomeçar pelo meio (...) e refazer aí, situadamente, a co-implicação e a co-operação. E desviar, aí, outra e outra vez, todas as ‘pistas falsas’ infiltradas nos modos de fazer e de viver construídos como se fossem dados. (And Lab, 2019: 8)

No ano de 2002 uma extensa pesquisa desenvolvida por Paula Guerra apontava o Bairro do Cerco do Porto como estigmatizado pelo imaginário coletivo como um local de concentração de problemas sociais vinculados à economia subterrânea do consumo e venda de substâncias tóxico-entorpecentes. Visto como “uma zona de forte visibilidade de problemas sociais tais como a concentração de comportamentos desviantes ligados ao consumo e tráfico de droga (...). Funciona no mapeamento mental da cidade como um espaço ‘acossado’, ‘desviante’ e de ‘perigo’”. (Guerra, 2002: 80)

Os processos de exclusão social³⁰ no bairro podem ser sintetizados como auto exclusão e hétero exclusão. Enquanto as tensões identitárias internas promovem processos de exclusão da comunidade cigana e de quem veio de outros bairros sociais; a hétero exclusão se dá por pessoas que não moram no bairro e é obstáculo para a inserção no mercado de trabalho, nas percepções de pertencimento e segurança, perspectivas de futuro, entre outros. (Sousa, 2018)

²⁹ Ver Haraway (2023)

³⁰ Sousa (2018) analisa os processos de exclusão social do Bairro do Cerco do Porto tendo em consideração os discursos mediáticos a partir da recolha de notícias veiculadas entre 2012 e 2017; o impacto do sentimento de segregação na população feminina e no sentimento de comunidade do bairro; as possíveis afetações da localização do bairro - periférico em relação ao tecido urbano central - no sentimento de pertencimento ao espaço físico e social. Ver: SOUSA, Sofia Alexandra Ribeiro. *O Cerco é a minha casa! Apropriações e identidades face ao espaço habitado*. FLUP, 2018.

Também, a auto exclusão da juventude foi observada por Labandeiro (2004) como forma de 'cultura de resistência' e auto-afirmação: os comportamentos desviantes surgem como ferramentas de enfrentamento aos valores e padrões dominantes. A manifestação territorial deste fenômeno é a escolha e demarcação simbólica de certos espaços do bairro para tais interações. (Labandeiro, 2004: 149)

Ao trabalhar com crianças residentes no bairro, o artista visual Uwa Iduozee ressalta que a exclusão social e o estigma associado às narrativas negativas sobre o bairro tem consequências diretas na autopercepção das crianças, ao mesmo tempo em que a exclusão acarreta um sentimento de pertencimento e até orgulho com forte sentimento de comunidade, como forma de resistência.³¹

A necessidade de pensar o bairro a partir de uma auto-narrativa que esteja afastada dos processos de exclusão, marginalização e estigma social, foi inicialmente desenvolvida a partir de oficinas de mapeamento coletivo. Na primeira aproximação ao tema, levo um conjunto de mapas diversos: a América Invertida, de Joaquin Torres Garcia, 1943; o 'Mapa corrigido do mundo', de Stuart McArthur, 1979; o cartaz 'Portugal Não É um País Pequeno' de Henrique Galvão, 1934 e mapas de cidades portuguesas - Lisboa, Faro, Porto, em diferentes escalas.

Pensamos juntas com este conjunto de cartografias, as possibilidades de criar mapas subjetivos e afetivos. No encontro seguinte, levo um conjunto de mapas turísticos da cidade do Porto: observamos as propagandas e anúncios, o tipo de linguagem gráfica utilizada, e, para surpresa da maior parte das crianças e jovens: a ausência do Bairro do Cerco e de grande parte da zona oriental da cidade: normalmente fora da escala representada ou sob as legendas e propagandas. Levo, também, duas cópias de um mapa do bairro em formato A2 e um conjunto de autocolantes para inscrevermos as práticas *com o Bairro*.³²

Em uma primeira abordagem metodológica, o título 'Bairro do Cerco e práticas de cuidado' necessita explicação: brincar na rua é também cuidar deste território, interessa mapear os usos dos espaços públicos, os comércios e lugares de referência, os espaços domésticos e também os limites do bairro.

Com os dois grupos - subdivididos por faixa etária - localizamos o Projeto Cercar-te como ponto de partida. Dali, pensamos nos espaços que estruturam a vida: escola, barbeiro, costureira, loja, mercadinho, ringue, campo de futebol, etc. Pergunto em quais lu-

gares ouvem música, brincam às escondidas, roubam laranjas. Mapeamos isto. Com os mais velhos, aparecem territorializadas as zonas onde o comércio de drogas está presente. Também é este grupo que situa os locais em obras e o local onde há extração de árvores para utilização de madeira.

Em ambos mapas, ficou evidente que, para além da rua, os espaços públicos de maior uso são aqueles vinculados aos esportes, principalmente o Ringue e o Campo dos Salgueiros. De forma geral, os espaços públicos do bairro têm poucas atividades atrativas. De acordo com Sousa, esta é uma das possíveis razões para o crescimento do individualismo no bairro, segregando o convívio dos moradores a espaços fechados e circunscritos como estabelecimentos de serviços e comércio. As mulheres moradoras do bairro afirmam que não há locais para as crianças brincarem livremente e destacam a necessidade de requalificação dos espaços públicos com "criação de parques infantis, espaços de convívio e de lazer alternativos (...)". (Sousa, 2018: 108 - 109)



Figuras 22 e 23: Oficina mapeamento coletivo. Maio de 2024.

MAPEAR O BAIRRO DO CERCO

NOME: [redacted]

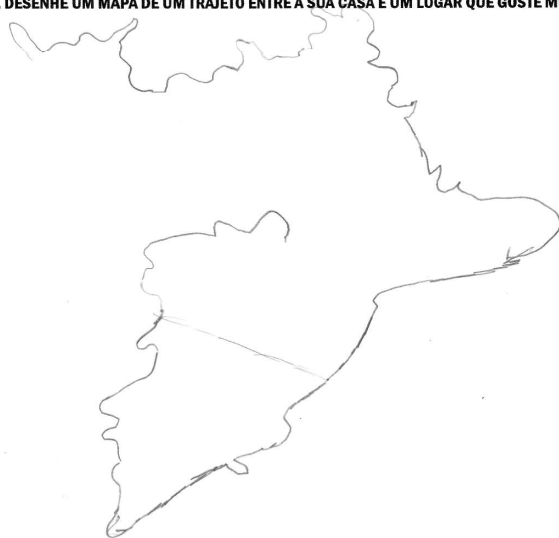
1. O QUE É UM MAPA?

O Mapa é uma coisa que tem cidade Pais
árvores

2. ESCOLHA UM DOS MAPAS DISPONÍVEIS. OBSERVE-O ATENTAMENTE E DESCREVA O QUE OBSERVOU. QUAL É A FUNÇÃO DESTE MAPA?

este Mapa tem cidade Pais

3. DESENHE UM MAPA DE UM TRAJETO ENTRE A SUA CASA E UM LUGAR QUE GOSTE MUITO.



MAPEAR O BAIRRO DO CERCO

NOME: [redacted]

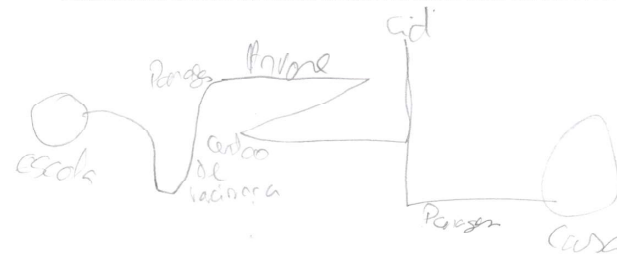
1. O QUE É UM MAPA?

O Mapa é uma coisa que tem cidade Pais
árvores

2. ESCOLHA UM DOS MAPAS DISPONÍVEIS. OBSERVE-O ATENTAMENTE E DESCREVA O QUE OBSERVOU. QUAL É A FUNÇÃO DESTE MAPA?

este Mapa tem cidade Pais

3. DESENHE UM MAPA DE UM TRAJETO ENTRE A SUA CASA E UM LUGAR QUE GOSTE MUITO.



MAPEAR O BAIRRO DO CERCO

NOME: [redacted]

1. O QUE É UM MAPA?

Um mapa é um desenho onde tem localizações e
Cidades

2. ESCOLHA UM DOS MAPAS DISPONÍVEIS. OBSERVE-O ATENTAMENTE E DESCREVA O QUE OBSERVOU. QUAL É A FUNÇÃO DESTE MAPA?

O Mapa indica Monumentos,
da cidade do Norte, tour de tour

3. DESENHE UM MAPA DE UM TRAJETO ENTRE A SUA CASA E UM LUGAR QUE GOSTE MUITO.

eu gosto de ir da minha casa até ao cid



Mapeamento coletivo sobre o nosso território e as práticas de cuidado no momento presente.

Lembretes:
O mapa é um desenho do espaço real visto de cima. É como um passarinho vê o bairro quando voa lá do alto.

Cuidar dos nossos espaços é parte importante das nossas vidas, quem são as pessoas que cuidam do bairro?

Vamos identificar as atividades e pessoas e incluir no mapa, com desenhos, escrita e auto-colantes.

LEGENDA

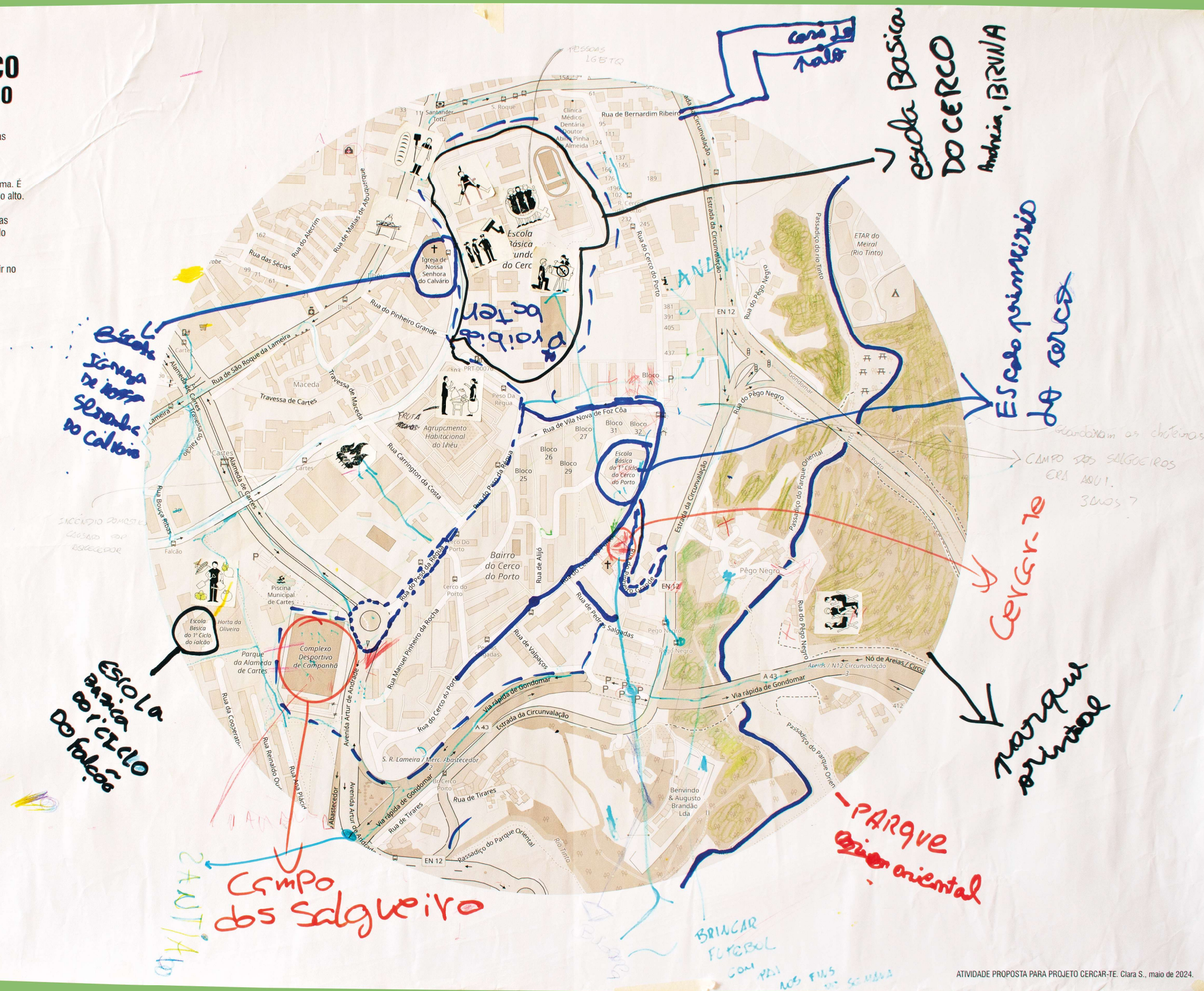


Figura 27: Mapa Bairro do Cerco e Práticas de cuidado, grupo até 12 anos. Maio 2024.

Lembretes:
O mapa é um desenho do espaço real visto de cima. É como um passarinho vê o bairro quando voa lá do alto.

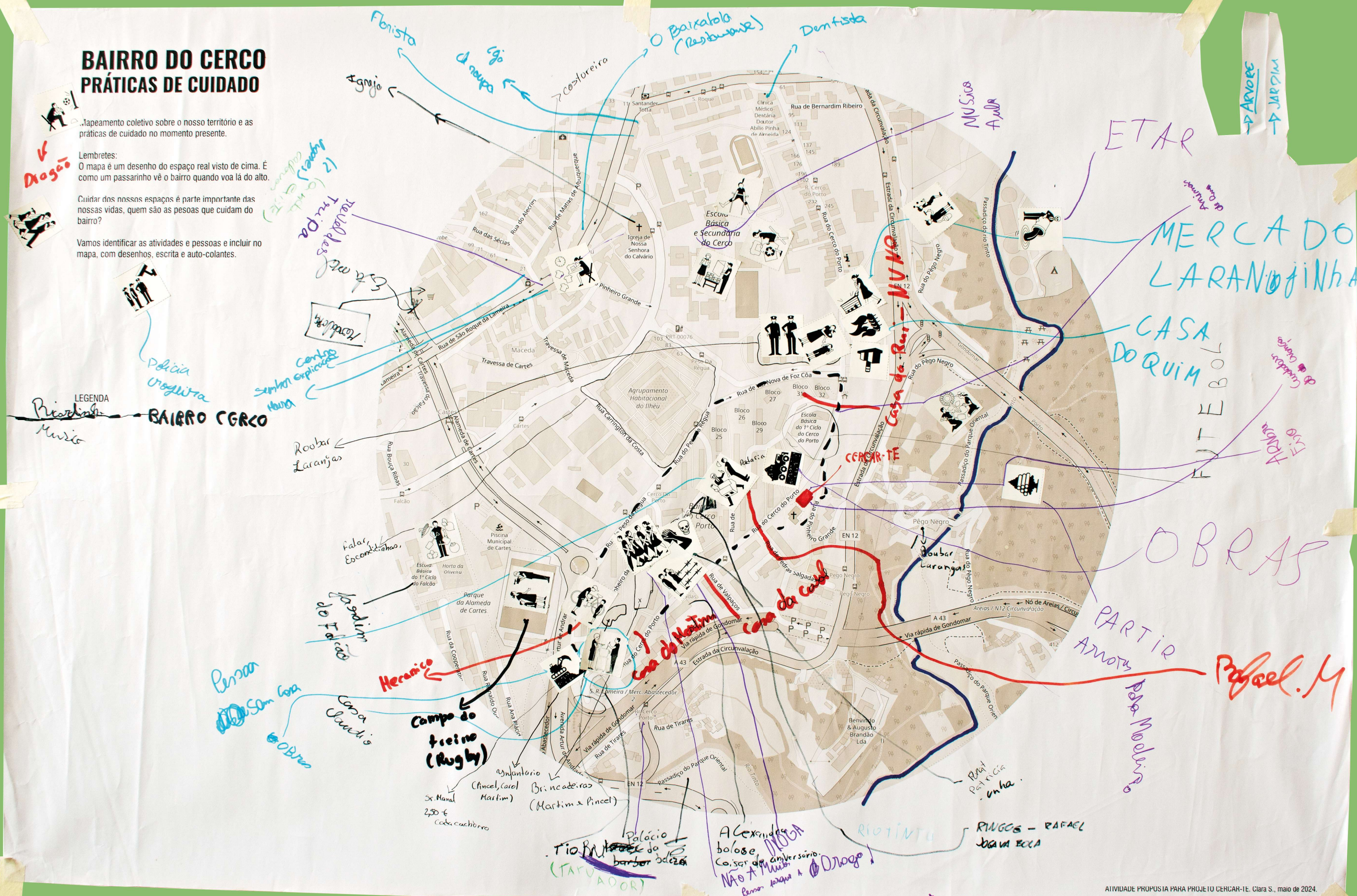


Figura 28: Mapa Bairro do Cerco e Práticas de cuidado, grupo maior que 12 anos. Maio de 2024.

A partir de um processo participativo com dez crianças entre 06 e 13 anos em parceria com a associação Espaço Todos. Conceição também destaca o interesse pelas atividades ao ar livre, como jogos de futebol e dança³³. Como problemáticas principais, o lixo, o ruído e as seringas presentes em vários pontos do bairro. Em relação a desejos para a requalificação do espaço público, um campo de futebol que possa ser utilizado, parques infantis e espaços mais limpos se sobressaem, mas também mais segurança, zonas para circulação de bicicletas, hortas comunitárias, mais mobiliário urbano e zonas com água. (Conceição, 2023: 86-88)

Nas atividades que criam espaço para que sejam as crianças e jovens a contarem as histórias com o bairro também aprendo a estar com este território, como na proposta de Levantamento Fotográfico Coletivo, desenvolvida em maio de 2025.³⁴ Foi com (____), (____) e (____) que descemos - sem objetivo específico - para uma zona do bairro onde não nos sentimos confortáveis. Parados em uma esquina entre duas ruas, insisti para que as fotografias fossem feitas, afinal, elxs escolheram caminhar até ali. Éramos observados por muitas outras pessoas e as duas fotografias feitas olham para o chão.

Observo este exercício em paralelo a outro, que me propus a seguir. Em um sábado do mesmo mês, vou ao Bairro do Cerco para uma atividade do Serralves, desenvolvida junto ao Projeto Cercar-te³⁵. Penso em fotografar espaços públicos do bairro porque me dou conta que, apesar das visitas semanais, tenho dedicado muito pouco tempo a caminhadas sozinha. A diferença na minha percepção de segurança e conforto é grande, em determinados espaços do bairro sou a professora do CID, em outros ninguém me conhece e me sinto exposta e vulnerável a olhares desconfiados que deixam o gesto de levantar uma câmera quase impossível.

Acompanhada de uma Olympus Trip 35 e um rolo vencido de 36 poses, das quais 27 haviam sido usadas na viagem ao Brasil, caminho por espaços conhecidos e outros que nunca havia reparado com atenção.³⁶ No conjunto de 9 fotografias

35 O projeto Caixa de Ferramentas é promovido pela Fundação de Serralves e objetiva trabalhar a saúde mental com crianças e jovens das instituições Espaço Raiz, Cercar-te e Na Praça. Agradeço Filipa Valente e Beatriz Sarmento pelas trocas neste caminho.

36 Esta opção é uma tentativa de me distanciar da precisão nos registros. O anel de foco não funciona bem; o filme vencido é imprevisível; a impossibilidade de ver, na hora, o que foi fotografado é a impossibilidade, também, de aperfeiçoar os registros.



Figuras 29 e 30: Levantamento fotográfico coletivo. Fotografias de (____) e (____). Maio de 2025.

feitas, deixo-me guiar pela curiosidade. Também faço um registro com a câmera do celular: uma pixação na parede que diz “Lixo aos do lagarteiro” junto da palavra Cerco, uma referência aos conflitos com o bairro ao lado.

Como uma visitante ou turista, caminhei pelos espaços do bairro, com a bicicleta ao lado e uma câmera na mão. O meu olhar vagueava movido com o caminho, mas sem esquecer os olhares que atraía. Poucas interações se deram neste dia: uma para pedir permissão para fotografar um jardim à porta da casa de uma senhora. Outra porque, em uma zona que frequento muito pouco, reparei em uma árvore com uma corda pendurada e imaginei que eram restos de um baloiço que já não existia. Perguntei a um senhor que estava ao lado se era ele que vivia nas tendas que estavam montadas na calçada e se, por acaso, sabia alguma coisa sobre aquele baloiço. Não rendeu muita conversa, disse que não sabia nada mas sim ele vivia ali.

Penso nas várias pequenas histórias que poderia contar de conversas, interações, caminhadas, observações com o bairro neste um ano de convivência. Coisas que me lembro com mais ou menos detalhe, alguns apontamentos e desenhos, impressões pouco rigorosas. Reunir estas histórias fragmentadas em um mapa retorna ao sentimento ambivalente com o qual vivi ao fazer os registros fotográficos. Como forma de convivência com o risco de ao contar estas histórias apresentá-las como mimese da realidade, opto por assumir as imprecisões e inconclusões, também no registro ilustrado.³⁷

³⁷ Inquietações com a representação dos espaços me provocam desde o início deste caminho. O desenho arquitetônico parece-me sempre codificado, de difícil leitura, apartado da realidade. Ainda assim, é precisamente por este apartamento que me intriga: desenho isso e quero dizer mais, perto, aproximado. Não exatamente, nunca é exatamente, apesar da pretensão. Agradeço ao amigo Nicolau - além dos conselhos e sugestões - me disse que ilustração é um desenho que tem companhia. Penso, então o desenho arquitetônico como uma ilustração e não como prescrição ou rigorosa representação do real.



Figuras 31 e 32: Levantamento fotográfico com Bairro do Cerco e com Olympus Trip 35. Maio de 2025.



Figuras 33 e 34: Levantamento fotográfico com Bairro do Cerco e com Olympus Trip 35. Maio de 2025.
Figuras 35 e 36: Levantamento fotográfico coletivo. Fotografias de (____) e (____). Maio de 2025.

nós: galegos, senhores, professora, CID,

Esta é uma pesquisa feita em *comunidade*, longe de um lugar de enunciação totalizante acerca do Bairro do Cerco do Porto, mas próximo a um grupo particular e situado de pessoas e coisas que habitam um mesmo tempo-espço. Ao passar a palavra comunidade de conceito para ferramenta, And Lab recupera formulações de diversos autores³⁸ para enunciar uma comunidade que não fala de coerência, consenso, identidade, homogeneidade, semelhança, universalidade ou igualdade. *Comunidade*, fala, então, de uma potência, do que ‘podemos vir a ser e vir a poder’: lugares de conflito, luta e contestação, em comunidades sempre temporárias e experimentais que não se orientam por aplacar ou resolver as diferenças, mas sim configuram um “desdobrar ilimitado do ‘problema do juntas’ em um sem-número de arranjos contingentes” (And Lab, 2019: 30):

desafio ético concreto e cotidiano de fazer ‘com o que se tem’ (e não com o que se gostaria de ter): e o que temos é a disparidade, a desigualdade, a incoerência, o desencontro, a diferença, a distância. (...) a comunidade é aquilo que nos ‘pode acontecer’ justamente por estarmos imersos num socius no qual se escancara a dissimetria incontornável introduzida por outre (...) (And Lab, 2019: 33)

Aqui-agora, interessa nomear e singularizar como estes arranjos contingentes vão se compondo no encontro com outres. Penso este emaranhado a partir de entrelaçamentos com diferença, identidade, conflito, autodeterminação. Em acontecimentos que convidam a praticar um cuidado situado, nunca fácil, poderia falar sobre as interações com humanos, coisas, bichos, plantas, espaços: por vezes, ter uma joaninha na palma das mãos, em alegria; mas também, pisar de propósito um pequeno caracol, com nojo; tentar aproximação aos cães mas ter medo; jogar plástico no chão, reclamar do lixo e sujeira... Concentro-me na comunidade humana e o CID. É também o gesto de nomear que observo: galegos, senhores, professora, drogados, brasileira, puta, pailhas, ciganos, senhora, CID, Bartolomeu Dias, mais.

Realidade 04/03

(____) não quis fazer nenhuma das atividades, eu como sempre disse que não o obrigava mas que ele tinha que ficar dentro da sala, porque são as regras.

Levantou e saiu dizendo que não ia ficar na aula da “PUTA DA BRASILEIRA”. Na hora foi como um tapa na cara, dói e dá susto. (...) A gestão da questão foi caótica (____) me

chamou à sala do lado para (____) me pedir desculpa. Voltei à sala chorando sem conseguir mais segurar. Ao vê-lo sentado na cadeira a dizer ‘desculpa’ sem nem sequer olhar pra mim.

Lembro que só consegui escrever estas palavras no caderno uma semana depois, primeiro precisei sentir. A decisão da instituição - suspensão pelo período de uma semana - me parecia punitivista, mas era motivada pela reincidência de comportamentos desrespeitosos e ofensivos. As sugestões de “resolução” apontavam para a necessidade de uma retratação pública na sala de aulas - afinal o insulto foi proferido em público. Eu queria me aproximar e não o afastar ainda mais, mas me senti ameaçada e ferida sem saber como me posicionar de forma ética e cuidadosa também comigo e com as demais pessoas envolvidas.

A composição reparadora com a qual seguimos não é resolutive, surge em um caminhar-conversar *juntas*. No encontro seguinte, duas semanas depois, quando passávamos pelo Parque Oriental em uma Deriva,³⁹ (____) chega bastante tempo depois da sessão começar e diz imediatamente que gostaria de falar comigo. Peço que espere até o fim e afirmo que também gostaria de conversar:

Realidade 18/03

Ao fim da deriva, passando pelo Parque, deixei que subissem todos e chamei o (____) para caminhar-conversar. Falamos até Rio Tinto. Pediu desculpas e falou muito sobre ele próprio, a tia a escola, etc. Intercalamos com falar sobre os espaços sobre os quais nos movíamos. Conheci mais o bairro, e ele disse que faz muitas caminhadas e derivas, especialmente a noite. Ao chegar no Cercar-te estávamos a trabalhar no jardim e fizemos uma reunião com (____)

Entrelaçado neste nó, ou parte da mesma linha, um momento no qual eu me intrometo em uma situação que apanho a meio, um técnico da instituição auxilia o desenvolvimento de um trabalho de casa com (____). É sobre *Bartolomeu Dias*:

38 Bruno Latour, Jean-Luc Nancy, Tim Ingold, Marcel Mauss, Georges Bataille, entre outros.

39 Ver subcapítulo *Desvios: Parque Oriental, Lagarteiro, Horta das Oliveiras*, etc. Página 90.

13 de janeiro - escrito em 14 de janeiro
Não sei quem é. Um descobridor, segundo ouvi. Foi à Índia pelo Cabo das Tormentas, ou Boa Esperança. Perguntei se descobre-se um lugar no qual já vive gente. Isso rendeu conversa e ele disse que na Índia, antes dos descobridores, viviam brasileiros. A escola ainda fala de descobrimentos, mesmo.

Em uma linha que segue noutra direção, o nó aparece pela primeira vez em abril de 2024, mas aos poucos somam-se muitas situações. As pessoas em situações de rua e/ou toxicodependência habitam não só o bairro mas também o imaginário coletivo das crianças e adolescentes a partir de uma narrativa de estigma, desumanização e medo. É comum ouvir sobre o medo de transmissão de doenças, de serem obrigados a usarem substâncias entorpecentes ou raptados, caso se aproximem.

Atividade 16/04

Lambe-lambe:

Ao início todas as ideias tinham a ver com “os drogados” e eram direcionadas a essas pessoas, com tom agressivo. Não estraguem apareceu mil vezes. Interrompi rediscuti as mensagens que eu propus (e (____) também) e o tom que elas tinham. O conteúdo fala sobre nós. Também falei que não chamaremos as pessoas de ‘drogados’, elas merecem respeito e etc. (____) disse que ia então chamar de pretos. Que era melhor ser racista do que chamar de drogados. Conversei com ele me colocando como igual, não vamos tratar como somos tratados. Ao perguntar sobre preconceitos, ele ficou em silêncio e não olhou pra mim.

Em todos os momentos em que estas narrativas apareciam, a conversa foi direcionada para um processo de re-humanização. Eu insistia em falar que a dependência química é uma questão de saúde e não de escolha, que estas pessoas também sentem - do mais óbvio como frio e fome ao mais complexo como medo, vergonha, tristeza, dúvida. Insistia, também, que não é aceitável chamar as pessoas de *drogados*. Este direcionamento na conversa raramente aconteceu sem uma postura prepotente e julgadora minha. Ao assumir que era inaceitável e digno de correção, eu fugia de observar

Figuras 37 a 41:
Nós. Intervenção com fita cola sobre fotografias de momentos e autorias distintas.

que mesmo para mim é um exercício difícil praticar diariamente um olhar cuidadoso e que mantém a dignidade destas pessoas.

Os encontros à volta da Casa do Pinheiro Grande são constantes. Por vezes há abrigos provisórios à frente da capela, ou pessoas sentadas ao chão - em duplas ou sozinhas - ao lado do edifício devoluto ou no terreno baldio que está mais acima da Casa do Pinheiro Grande. Em uma destas situações, (____) e eu estávamos à conversa no portão de entrada entre voltas de bicicleta ao redor da capela, quando ele avista um homem sentado no chão no lado oposto do edifício e observa que ele possui um frasco de hidratante corporal. Em uma breve negociação (____) pede o frasco porque ‘um familiar utiliza por questões de saúde’ - o que não era verdade - fica bastante feliz por ganhar o hidratante perfumado, de uma marca específica e cara.

Em outra data, vamos em um grupo de sete pessoas realizar uma atividade de fotografia na rua. Há um casal de adultos sentados no chão ao lado da capela, junto a uma bicicleta. A mulher me pergunta “Desculpa, por que estas crianças não estão na escola como as outras?” Explico que desenvolvemos atividades no contraturno da escola: aquela era uma saída de campo para atividade de fotografia. Ela me agradece as informações e logo os dois vão embora para a parte sul do bairro.

Algumas vezes, graves situações de violência foram dirigidas às pessoas,⁴⁰ mas trocas de

40 Vários participantes foram suspensos por uma semana porque estavam - durante uma atividade no jardim - a jogar pequenas pedras e paus em direção à uma senhora sem abrigo que costuma ficar próximo ao portão. Também insultos verbais foram direcionados a um homem adulto que estava sentado no chão próximo à capela, certa vez. Tomei conhecimento da situação quando o próprio homem veio justificar a sua presença: estava se sentindo mal e parou para descansar. Um dos adolescentes se dispôs a conversar e pedir desculpas.



outras naturezas tiveram espaço quando um homem me ofereceu ajuda para recolocar a corrente da bicicleta que soltou - as crianças já tinham me falado de um morador de rua que repara bicicletas, acho que foi ele. Também quando (____) me pediu dinheiro à porta do projeto em um dia que havia levado bolo de cenoura e frutas para um lanche partilhado no baloiço:

31 março

Quando eu saí (____) - morador de rua - me pediu dois 2,00 eur para comer cachorros. Dei biscoito maria, 5 laranjas, 3eur. O que tinha para o lanche partilhado que perdeu o sentido. E ganhou, ali. Ele pediu muitas desculpas por “pedir a uma mulher”. Perguntou se costumo estar ali. Me disse que dorme mais pra cima, eu perguntei se conhece quem dorme ali porque não era fixe sujar o espaço. Ele disse que vai falar com eles.

As questões acerca da identidade e da autodeterminação, aparecem por exemplo quando três crianças ciganas me ensinam como bater palmas para uma das músicas que costumam cantar em sala. O trecho que diz “eu não vou lá porque tenho medo, na barraca dos galegos tem navalhas e pistolas” motiva a minha pergunta sobre quem são os galegos. Rapidamente me informam “quem é cigano é galego”, “quem é do bairro é galego”. Insisto: galego é quem é cigano ou quem é do bairro? Alguém interrompe⁴¹:

- Ô professora, és do bairro?
- *Eu não...*
- Ela é senhora!
- Ela já é do Brasil, então nós somos...
- Ah é?
- *Eu sou do Brasil, cê não sabia?!*
- És?!
- Ela é de...
- *Você não sabia, (____)?*
- Ela já tava a maior tempo aqui.
- Quem não é cigano...
- A professora é de São Paulo, não é?
- *Não! Que que eu falei já?*
- Brasil!!!
- *Minas Gerais!*
- Quem é cigano...
- *Mas será que tem galego em Minas Gerais, ou não?*
- Eu não sei... Ou pode ser galego ou....
- Agora é cantar!

⁴¹ Aqui recupero um dos registros de áudio que fiz no dia 14 de abril. Iniciei a gravação para registrar o processo de ensino-aprendizagem das palmas, as ações subsequentes de cantoria e este diálogo são gravadas também e arquivadas com nome de ‘Palmas e Galego’.

Com (____), aprendi que as mulheres não ciganas são também chamadas de *pailhas*⁴². O adolescente me fala sobre os convívios que fazem próximo ao ringue, e as idas com tios e primos ao *bar de shisha*. Fala sobre a irmandade e união entre a comunidade cigana: apesar de não ter nascido no Bairro do Cerco, adaptou-se muito rápido aqui onde vive com a mãe, a avó e o irmão. Não permite que sua mãe ‘tenha outro homem’, já que está divorciada porque “é a lei cigana.” Ao me mostrar algumas músicas ciganas das quais gosta, me disse que também compõe. Eu pergunto se um dia podíamos fazer música no jardim e ele disse que achava que não, eram músicas “dos ciganos para as ciganas e ao contrário”.

Para contar estas histórias, fazem companhia para a escrita uma série de retratos desta comunidade. Nenhum dos registros foi feito por mim, alguns partem de momentos nos quais peço ajuda para fotografar as atividades - empresto a câmera, explico rapidamente como usar e observo-a de mão em mão principalmente entre os jovens - outros, são resultado de atividades nas quais o próprio registro fotográfico é dispositivo de relação uns com os outros, como no Levantamento fotográfico coletivo. Muitas vezes os registros incluem retratos - com maior ou menor consentimento dos colegas. A decisão de incluir algumas destas fotos é minha, seleciono e intervenho nas imagens.

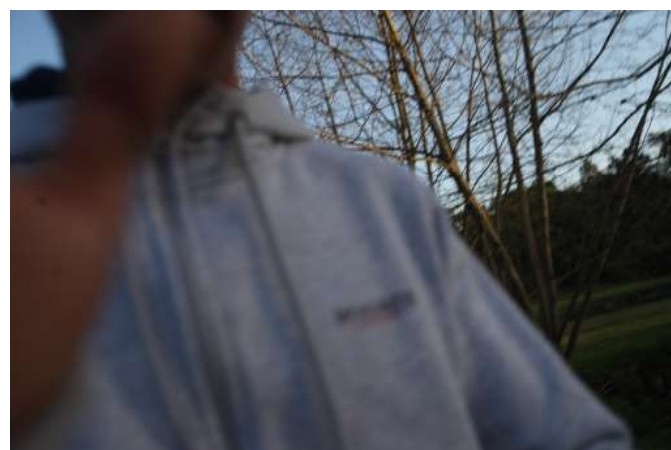
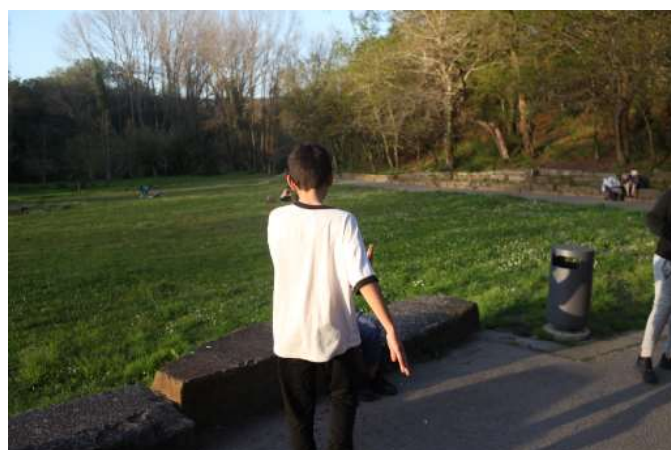
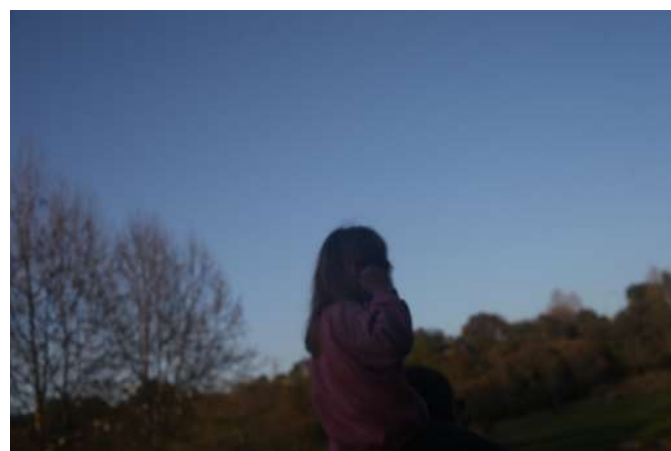
Por fim, estes encontros se dão também com o CID. Enquanto eu chamava o espaço com o qual convivemos de Casa do Pinheiro Grande, ouvia sempre ‘Professora, vais pro CID?’ quando caminhava para o ponto de encontro. Me disseram que chamavam assim porque o CID era a sala de computadores. Com (____), diretor do Cercar-te, compreendo a associação: CID é a abreviação de Centro de Inclusão Digital.⁴³

Para compor as narrativas vividas com o CID, levo a planta-baixa do edifício desenhada à mão em um papel de cenário e uma série de autocolantes desenhados por mim com ações e objetos. Chamamos esta planta-baixa de mapa, me surpreendo que algumas crianças observam e imediatamente dizem: é o CID. Com outras, preciso explicar minuciosamente o trajeto desde a porta de entrada até a sala onde estamos, arrastando o dedo pelo comprido corredor desenhado no papel. A atividade seria compor com os autocolantes, desenhos e escrita, fabulações com o CID entre memórias, presente e futuro. O lançamento de um dado (adaptado com um cubo mágico e fita cola), dava início ao desafio do jogo. O grupo reunido era diverso, entre crianças de 06 e 12 anos, sentadas no chão.

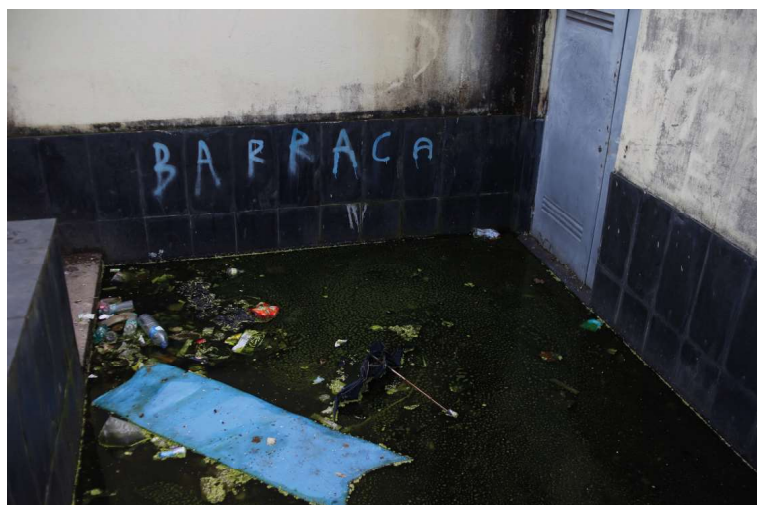
Com este mapa ouvi histórias. O desejo de voar, ganhar uma taça, ter um animal doméstico vivendo ali, um baloiço. Também quedas, machucados e brincadeiras. O pavilhão onde as crianças praticam Karatê, jogam bola e brincam aparece como um dos espaços mais utilizados. Neste palimpsesto eu também imagino mudanças pontuais com o espaço: uma nova porta direto para o jardim, uma pequena cozinha...

42 Ao contrário do ‘senhora’, aqui há uma conotação negativa. (____) afirma que os homens ciganos podem se relacionar com *pailhas*, mas não para casar, é por isto que respeitam-nas menos nas relações.

43 A inclusão digital é um dos treze princípios gerais do Programa Escolhas 9ª Geração, prevendo “a promoção e o desenvolvimento de competências digitais, nomeadamente no âmbito da navegação segura e no combate à desinformação, recorrendo às novas tecnologias de informação”. Instituto Português do Desporto e Juventude, 2023. *Programa Escolhas Nona Geração*. Disponível em: <https://ipdj.gov.pt/programa-escolhas>



Figuras 42 a 48:
Nós. Fotografias
de momentos e
autorias distintas.

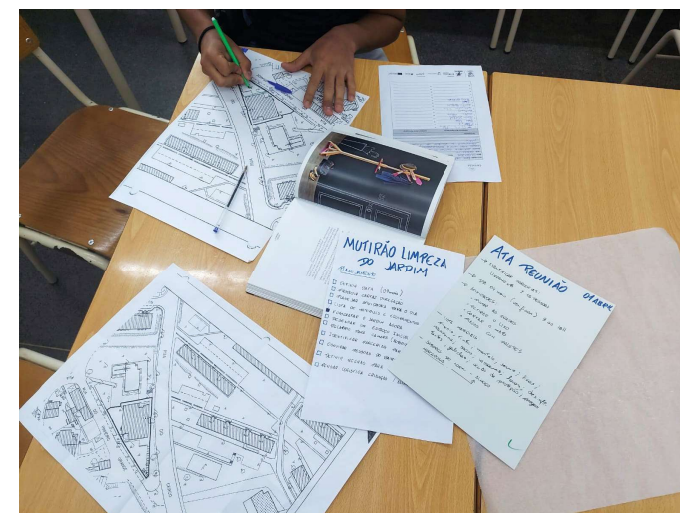


Figuras 50 a 52: Jardim do Pinheiro Grande. Maio de 2024.
Figura 53: Propostas para o Jardim. Maio de 2024.

Jardim do Pinheiro Grande, ou do CID

A sede principal das atividades do Projeto Cercar-te, a Casa do Pinheiro Grande, possui uma área exterior de aproximadamente 450m², distribuída nas fachadas posterior e lateral direita do edifício. Quando iniciamos esta convivência mútua, o jardim não era ainda chamado de jardim. Com as crianças e adolescentes era difícil a negociação para estarmos com este espaço. Aquele era um espaço 'dos drogados', não se sentiam confortáveis em permanecer ali.

A contínua degradação do espaço exterior era objeto de preocupação entre toda a comunidade Cercar-te mas as constrições de tempo, pessoal, recursos tornavam difícil a manutenção constante. Após dois episódios de incêndios, nos anos de 2017 e 2020, a situação se agravou. As intenções de requalificação do jardim assumiram, então, duas vertentes: Arte Urbana, para produção de um mural de grafite e Jardinagem, para criação de uma horta.



Ainda com muito pouca relação com o jardim em si, começamos por práticas de imaginar, nomear, negociar. Sessões de desenho apontam aquilo que os e as participantes gostariam de ter no espaço: campo de rugby, piscina, jardim. Começo a me relacionar - e convidar os/as participantes adolescentes a se relacionarem também - com a planta-baixa do espaço. Algumas tentativas de decodificar a linguagem técnica arquitetônica e planejar as ações para a limpeza do espaço e seu uso, culminam na candidatura ao orçamento participativo da Junta de Freguesia de Campanhã, no qual a proposta foi contemplada com o valor de três mil euros para compra de ferramentas e materiais.⁴⁴

44 Ata do Jurido Orçamento Colaborativo da Junta de Freguesia de Campanhã, disponível em: https://www.campanha.net/jf-campanha/documentos/PDF%20anexos%202024/2405_03-orc-colab-ATA_N4-JURI.pdf Acesso em: 14/05/2025

A persistência deste conflito no uso do espaço é o que nos motiva a propor ações de intervenção imediatas que visam a reabilitação deste espaço, a partir de um processo colaborativo. Em um espaço urbano com carência de equipamentos públicos e espaços de uso coletivo, é essencial que o Jardim do Pinheiro Grande possa tornar-se abrigo para a realização de atividades de convívio, socialização, brincadeiras e jogos, atividades educativas no âmbito da educação ambiental e da educação cidadã. (Candidatura ao Orçamento Participativo, 2024)

Aos poucos, compreendi que uma retomada cuidadosa do espaço necessitaria também de uma negociação com as demais pessoas que com ele viviam. A atividade de produzir e colar cartazes com técnica *lambe-lambe* foi desenvolvida. Aos cartazes elaborados e impressos por mim em formato A3⁴⁵ somaram-se desenhos de mãos, diferentes jardins com nuvens, plantas e pessoas, junto a mensagens: “por favor não estraguem” e “cuidar das plantas”.



Figura 54: Mural de cartazes Lambe-lambe. Maio de 2024.

Desde o primeiro mutirão de limpeza do jardim muitos outros se seguiram. O trabalho não é simples. As relações intrínsecas à sociedade em que vivemos aparecem no cotidiano. Com luvas e ancinhos nas mãos, nos revezamos na limpeza de folhas e rastros da passagem de

45 Produzi quatro cartazes: ações (brincar, correr, pular, cuidar...); planta-baixa com as intervenções propostas; o nome “Jardim do Pinheiro Grande” e uma pequena frase “O jardim é nosso e nós queremos cuidar”.

outros habitantes do jardim: bingas de cigarro, medicamentos, seringas de consumo de drogas injetáveis, papel higiênico, fezes, embalagens plásticas, papel cartão, etc.

09 maio

Cheguei e obviamente nada estava preparado. Eu não cuidei de nada e fui com expectativa de improvisar mas entendendo que era importante começar. (____) da Soalheira⁴⁶ ajudou imenso. Aprendi muito com a forma dele trabalhar com os miúdos.

Com o território de trabalho, o *fazer juntas* é ativado por cultivo. A dinâmica pouco a pouco passou a ser uma breve reunião de todos participantes (por exemplo na sala), na qual decidíamos juntas o tempo estipulado para a tarefa de limpeza e o que faríamos com o tempo restante. Este acordo conseguia incluir sempre tempo para brincadeira. O tempo de limpeza era cronometrado no meu celular, com perguntas constantes de ‘quanto falta?’:

30 de dezembro

Chego no CIDE, está bem barulhento porque estão a jogar na quadra, (____), (____) dançando coisas do tiktok. Reunio as pessoas na quadra mesmo, em círculo. (...) Varias pessoas não querem limpar. (____) estava na semana passada, sugeri 1h de limpeza e o resto de brincadeira. Votaram p/ decidir se seria baloiço ou escondidas. (____) contou. Deu escondidas. Assim fizemos. Hoje ainda houve mais participação. Preferem levar caixotes para o lixo do que varrer. Ouvi que varrer é coisa de mulher. Agora ouvimos uns barulhos e eles perguntaram se é tiro. Disseram de uma pessoa que atirou para o alto e acertou uma criança. Não entendi se foi aqui. A meio da atividade, passou um carro dos bombeiros, (____), (____) e (____) saem correndo atrás. Para ver o que foi. Era incêndio numa casa. A brincadeira tem sempre conflito.

46 Agradeço ao Nuno Moutinho, pela aprendizagem. A Soalheira é um projeto social, ambiental e cultural na Quinta da Noeda, Freguesia de Campanhã. Comecei a me relacionar com este espaço a partir do convite dos amigos Bia Petrus e Pedro Bittencourt e do projeto Híbridos. A Soalheira “tem como objetivo manter e ligar pessoas à terra e pensar, entre outras coisas, sobre a alimentação da sociedade atual.” Disponível em: <https://campanhup.org/entidades/a-soalheira/> Acesso em: 27/05/2025.

A constante fiscalização sobre quem está ou não colaborando no trabalho é protagonizada pelos que se sentem injustiçados pela baixa participação dos demais, as denúncias pressupõem que eu deva corrigir os comportamentos. Por vezes as pessoas que mais tempo passam executando as tarefas são as meninas, enquanto os meninos se recusam a participar ou contribuem apenas no momento de carregar os contentores de lixo para o contentor da rua. Muitas vezes ouvi que preferiam ir trabalhar ‘para as obras’ ou outro trabalho remunerado.

Enquanto mexemos a terra e nos lembramos de trocas com os avós e suas quintas, também conversamos sobre os saberes transmitidos pelos mais velhos. Às vezes fabulações sobre os objetos que encontramos viram momentos de conversa e imaginação, como o isqueiro queimado encontrado no chão, ou o grande enroscado de raízes que saiu de um dos tubos de coleta de água, em forma de serpente.

06 janeiro. 19:00
Sentados à volta da mesa, falamos sobre as últimas duas semanas, sobre o combinado de limpar o jardim por algum tempo, depois brincadeira ou algo que queiram. () questionou porque não limpamos eu e () enquanto eles brincam. Coloquei a questão de volta na roda, perguntei se concordam. Disse que queria também brincar. Depois perguntou porque não eram as mulheres (e meninas) a limpar. Já que em casa é assim. () e eu dissemos que em casa não é assim. Com dificuldade, fomos buscar ferramentas e ir para o jardim. Limpei os cocôs com ajuda da (). () sempre com muito nojo de tudo.

A meio do verão, um mutirão de limpeza que envolveu lavar a parede lateral do edifício com mangueira de pressão para retirada do musgo foi um dos momentos nos quais a alegria emergiu. Durante o fazer, os gritos que pediam pelos jatos de água e banhos de mangueira foram se alternando com os jatos direcionados para a limpeza da parede em um brincar-trabalhar livre e voluntário. Em determinado momento, um dos participantes que sempre reclamava dos momentos de limpeza disse “Acho que essa é a melhor aula de sempre”. Quando se cansaram dos banhos de mangueira, ficamos eu e um dos trabalhadores do projeto com a finalização da tarefa. Com menos brincadeira e mais objetivo, acabamos o dia sorridentes, exaustos e completamente cheios de musgo.



Figura 55: Planta-baixa produzida para a candidatura ao edital do Orçamento Colaborativo da Junta de Freguesia de Campanhã Maio de 2024.

As fabulações especulativas com o jardim foram ganhando vocabulário a partir da prática. A aprovação do projeto no Orçamento Colaborativo da Junta de Freguesia foi motivo para um exercício de participação. Uma urna improvisada em caixa de papelão e revestida com papel amarelo recolheu propostas para a execução de um orçamento de 200 euros. Deixei a caixa e um cartaz na mesa próximo à entrada do CID onde permanecem as listas de presença que são habitualmente assinadas. A ideia inicial seria receber propostas ao longo da semana, mas, quando cheguei na semana seguinte, a urna tinha sido guardada na sala administrativa, não sei por quanto tempo esteve disponível. O convite: “O que você faria com 200 euros e um jardim?” era para toda a comunidade da Casa do Pinheiro Grande. Posteriormente, a análise das propostas também foi feita coletivamente, em duplas.

Em outra ocasião propus com as crianças um exercício lúdico para escrever desejos: com fitas de tecido, cada uma foi incentivada a escrever e desenhar aquilo que gostariam que o jardim fosse/ tivesse.

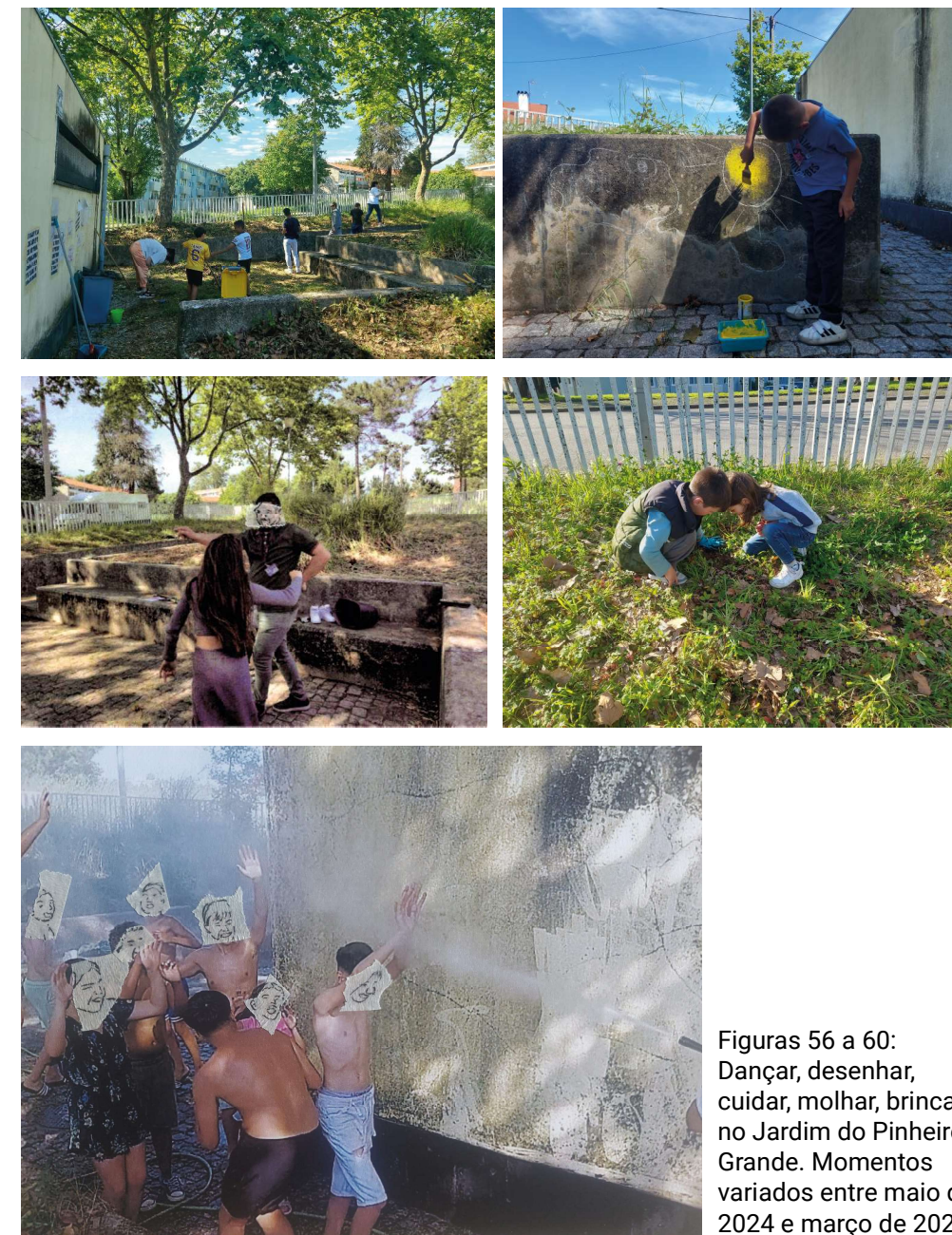
11 novembro

A atividade das fitas ficou para os mais novos. Enteramos no chão. Documentei mal. Acho que foi bom. Ouvi “E é só escrever que a coisa acontece?” Falamos sobre imaterial e os desejos foram amarrados uns aos outros e enterrados no chão. Não temos ferramenta de cavar, precisamos.

Com ‘documentei mal’, refiro-me a não ter registrado quais eram os desejos ali amarrados uns aos outros. Procuro pela única foto feita neste dia e tento, apesar da má qualidade, ler aquilo que foi escrito. Consigo ler três dos vários desejos. Re-escrever o que está enterrado no chão me parece inadequado.

Este processo ainda está em curso. As modificações no espaço, em sua esfera material, ainda foram pouco notórias para quem não está próximo ao chão. Avanços simbólicos e imateriais foram feitos, a frequência de usos inadequados do espaço reduziu e o espaço das brincadeiras aumentou. Pelo processo de aprendizado e convivência, tornou-se possível chamar este espaço de jardim. Os pedidos para ir lá para fora indicam a vontade de estar *com*. Um conjunto de ferramentas de jardinagem serão compradas para a continuidade deste trabalho e o muro de grafite vem tomando forma

a partir do projeto Arte Urbana - o futuro nas tuas mãos.⁴⁷ Talvez por ingenuidade ou descrença, não acho que basta escrever para que aconteça, mas fabular futuros diversos é preparar terreno para que brotem. Então, escrevo também o meu desejo: que o jardim do CID tenha gosto de quintal de casa.



Figuras 56 a 60: Dançar, desenhar, cuidar, molhar, brincar no Jardim do Pinheiro Grande. Momentos variados entre maio de 2024 e março de 2025.

⁴⁷ O Projeto é uma iniciativa da Domus Social, com o apoio da MXM ArtCenter, que visa promover o desenvolvimento de competências artísticas em jovens de 9 a 15 anos de comunidades carenciadas de Campanhã, Porto. Ver mais em: https://www.instagram.com/arteurbana_o_futuronas-tuasmaos/ Acesso em 19/06/2025

Desvios: Parque Oriental, Lagarteiro, Horta das Oliveiras, etc

Como já exposto, o trabalho a ser feito é a requalificação do jardim. Desde o início, a ideia de construir um vocabulário comum movia a minha curiosidade sobre os espaços públicos, coletivos e outros do bairro e adjacências. Este vocabulário comum é construído em reciprocidade, aprendemos-ensinamos com este território. Para além das oficinas de mapeamento coletivo práticas de *estar com* foram propostas.

A primeira delas, em *Jogo no Parque Oriental*, desenvolvi 24 cartas para uma vivência com o parque com objetivos simples: “observação/ apreensão do espaço, vivenciar o espaço, com atenção presente.” No diário de campo também escrevi outros objetivos ainda mais simples: ‘jogar, brincar, tá sol’. Este foi um momento partilhado com a formadora de jardinagem, a intenção era fazermos um picnic no parque, levei bolo de cenoura e ela fez junto com as crianças uma limonada. Acho que os objetivos simples foram cumpridos mesmo quando em paralelo ao jogo proposto:

19 de fevereiro

Real:

Avisei para os 3 que estavam no computador e gachei 3 abraços e ‘ganda stora!’. Tá quente e sol, há imensa gente na rua e roupas no varal. A atividade correu mais ou menos bem, as pessoas motivadas estavam pedindo mais desafios. Alguns (_____) despachou em 5min e foi jogar bola, mas se divertiram, brincaram no rio, correram e comeram bolo. Pensei bastante nos adultos. Também se divertiram. Apesar de terem mais trabalho do que o habitual (lavar toalhas, comprar picnic....)

Na seção seguinte, a visita é mote de conversa, desenhemos os percursos entre o Cercar-te e o Parque e ampliamos as cartas do jogo, incluindo outras que pudessem ser utilizadas para brincar com o bairro.



Figuras 64 - 68:
Jogo Com o Parque
Oriental.
Fevereiro de 2024

Já na *Deriva pelo Bairro*, não houve sinopse preparatória, definição das regras ou mesmo intenção de a fazer, naquele dia. Levo comigo a proposta de continuar o mapeamento do bairro em sala de aula. A realidade - dia de sol - gerou em mim o desejo de estar no espaço exterior, e não dentro da sala com mesas e cadeiras.⁴⁸ De forma improvisada proponho a atividade como caminhada-deriva. O convite é para que a cada vez, um dos participantes propusesse um novo ponto de parada e então assumisse o papel de guia do percurso até lá. Assim, a saída do Cercar-te nos levou progressivamente ao Ringue, ao Campo dos Salgueiros, ao Bairro do Lagarteiro e ao Parque Oriental, sem que no início soubéssemos quais seriam os pontos ou o percurso.

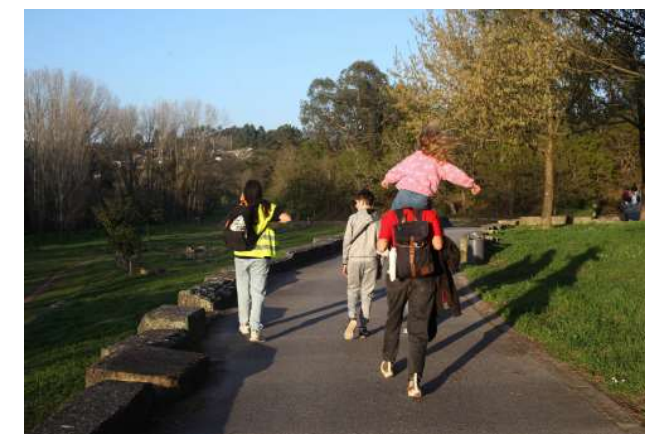
A ida ao bairro do lado gerou medo do desconhecido. Muitos de nós nunca tinham ido ao Bairro do Lagarteiro (eu inclusive) e no caminho muitas vezes ouvi que os pais não autorizavam a ida até lá. Fomos recebidos pelo Cercar-te Lagarteiro⁴⁹ com gentileza, ainda que não tivéssemos avisado a visita previamente e ainda que o excesso de energia da caminhada na rua não tenha sido compatível com adentrar um espaço fechado e silencioso. A câmera que eu levava comigo para a oficina de mapeamento foi dispositivo de convite para a participação de um determinado grupo de participantes mais velhos que ficaram encarregados de parte dos registros. O mapeamento previsto anteriormente teve que esperar até outubro.

Por vezes, as incursões pelo bairro tinham objetivo mais evidente, como as idas à loja comprar lanche para partilhar, a colagem de cartazes lambe-lambe para tentar recuperar o compostor desaparecido do jardim⁵⁰. Outras vezes, o caminhar foi solitário para encontrar pessoas, fazer reuniões, ir ao café, à papelaria, produzir registros fotográficos, ou no dia em que tive algumas horas livres e fui ao IEPF pedir para estudar na biblioteca: por não ter nenhuma biblioteca, estive no refeitório trabalhando na escrita da dissertação enquanto esperava o horário da sessão.

48 O contexto meteorológico é associado, também, a necessidades emocionais: o encontro exatamente anterior a este está narrado na página 68. Neste dia, a minha vontade de voltar ao espaço da sala de aula não era muita, caminhar juntas foi o desvio possível.

49 O Cercar-te Lagarteiro também é promovido pelo Espaço T, com financiamento do Programa Escolhas 9ª Geração e atua com inclusão social de crianças, jovens e famílias em situação de vulnerabilidade no Bairro do Lagarteiro.

50 Com apoio da Lipor, nos inscrevemos para receber um compostor de resíduos orgânicos para o Jardim. O compostor desapareceu pouco tempo depois de ter sido colocado no espaço.



Figuras 69-72: Deriva pelo Bairro. Vários autores. Maio de 2024



Figuras 73 e 74: Procura-se Compostor. Outubro de 2024

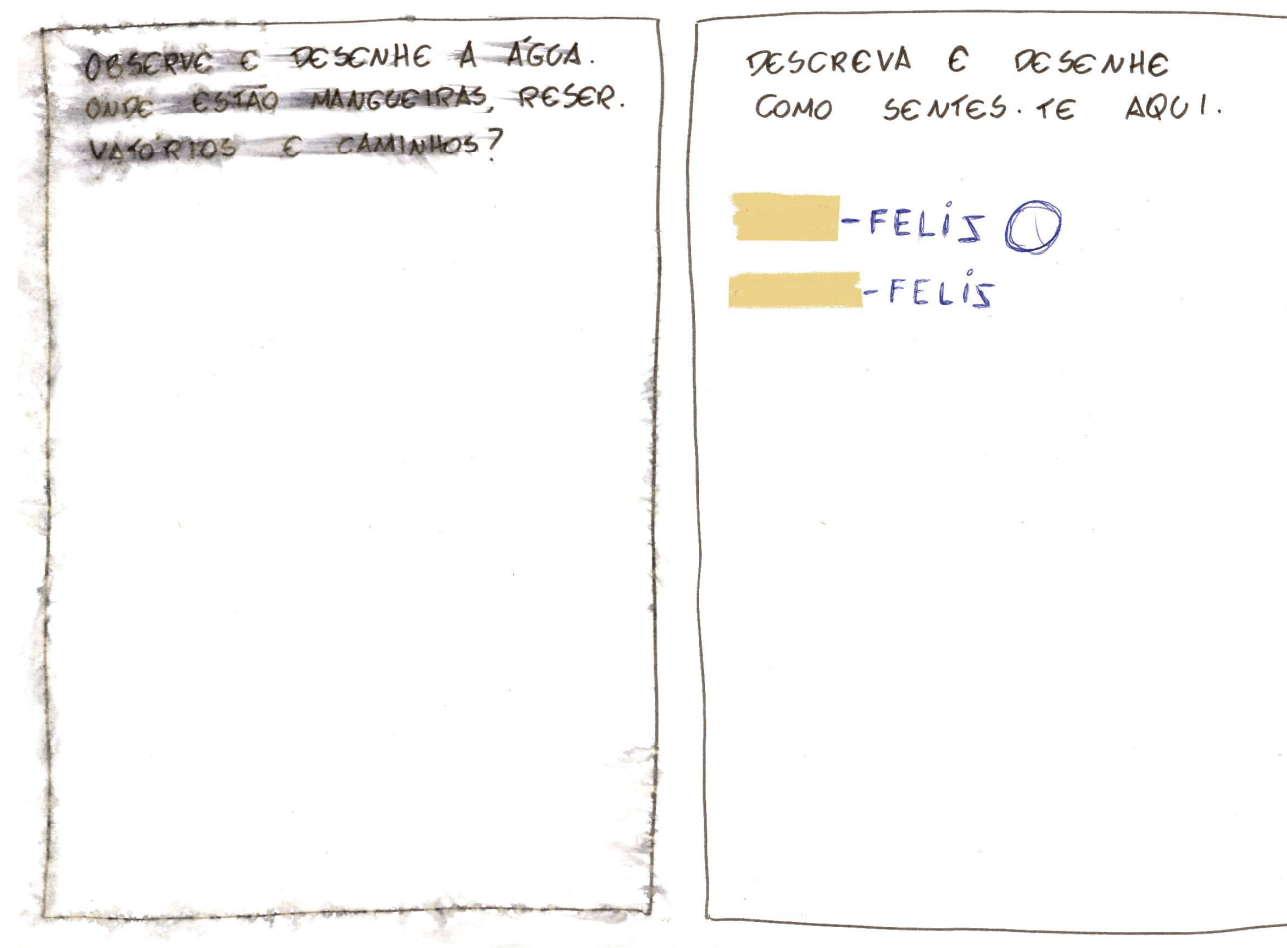
Para a visita-guiada à Horta das Oliveiras, preparei outro dispositivo. Desta vez, saímos de prancheta improvisada, canetas e um conjunto de 12 folhas-desafio, a serem preenchidas em dupla para observar-aprender com a horta comunitária. A atividade não foi feita e a visita à horta permanece como ponta solta neste processo.

07 abril

Temos visita marcada para as 16:30. Me apresso em tentar copiar os desenhos desenvolvidos, que peço ao (____), além de procurar um suporte que sirva de apoio para levarem as folhas. (____) me ajuda e recortamos umas caixas de papelão, sugestão dela. Nos reunimos à porta, alguns me pedem para irmos ao balanço. Fica combinado balanço na volta. Também fica combinado que vamos à Horta, em visita de estudos. Ouço muitas vezes “que horta?”. Explico dando como referência as Piscinas. Me respondem “Onde ficam os drogados.”

Na caminhada, outras crianças se juntam. Já eramos muitos, uns 20. Mais à frente, grupos se juntam a nós e chegamos à horta com imenso desrespeito. Parte dos meninos vão logo para o charco jogarem pedras, não os conseguimos impedir. (...) Muito rápido a coisa começa a ficar caótica. (...) Na verdade escrevo mas não lembro, não tenho certeza sobre o que disse, o que vi, o que fiz, nada.

A falta de respeito de um grupo pequeno de crianças com o espaço e com (____), nosso guia, gerou uma desorganização completa que colocou em causa a própria visita. (____) decidiu por cancelar a visita para que não fossem causados danos aos talhões, plantas, charco, etc. Eu e a equipe de estagiárias e dinamizadora social por que tentássemos não conseguíamos calma e organização para entrar no espaço. Ouvi que se não os conseguíssemos domesticar, não teríamos visita. Voltamos ao Cerca-te com tristeza, aqueles que se juntaram a nós no caminho foram imediatamente embora sem grandes cerimônias. Um conjunto de opções equivocadas que gerou imensa frustração em todos e que foi seguido de um bom tempo de repreensão em uma conversa dura na qual eu tentava recompor ‘a autoridade’.



Figuras 75 e 76: Práticas com a Horta das Oliveiras. Abril de 2025.

Baloio

25 novembro.
Começo com fazer um trajeto novo de bicicleta. Pelo Dragão e depois por dentro do bairro, vi um balanço de pneu com dois miúdos a brincar.

A observação de um caminho de pé posto⁵¹ que liga a paragem de autocarros próximo ao Ilhéu à uma passagem pedonal que está na mesma cota que a Casa do Pinheiro Grande motiva a minha curiosidade. Anteriormente, subia pela Rua do Cerco, mas decido descer da bicicleta e experimentar este outro caminho, a pé. O encontro com este espaço acontece. Em um primeiro momento, imagino que este é um espaço comum das crianças, com um balanço público, feito por algum adulto do bairro.

Ao propor a primeira incursão do Cercar-te para lá, compreendo que os dois baloiços não são públicos nem coletivos. O balanço de pneu pertence a duas irmãs que moram ali ao lado: foi o avô delas que o instalou e é quem repara todas as vezes que a corda arrebenta. Conheci (_____) e (_____) neste espaço, elas não frequentam o CID. ‘O de cima’ é do (_____) e do irmão (_____), foi instalado há 11 anos atrás, os dois frequentam o CID e por isto, a negociação para permitir que as outras crianças balancem é um pouco mais fácil, de início.

02 de dezembro
Ontem cheguei de bicicleta, a sessão era da (_____), combinamos a transição no jantar. (...) Propus de irmos ao balanço e comprar lanche. Fomos. O balanço é da (_____) e da irmã, ninguém pode usar sem consentimento delas. (_____) tem outro, ‘o de cima’. (_____), (_____) e a mãe nos viram chegando. A mãe foi simpática e nos deixou usar o balanço. (_____) tava reclamando, (_____) desceu pra brincar.

51 Caminho de pé posto é uma expressão que conheci em Portugal, e cujo significado é “Caminho que resulta da passagem repetida de pessoas. Atalho, carreiro”. in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (online). Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/caminho+de+p%C3%A9+posto> Acesso em: 27/05/2025

É o olhar de arquiteta-urbanista que me guia quando muito rápido compreendo que este espaço tem potência também porque é um lugar de confluências. Pessoas de passagem, estacionamento de veículos dos moradores, é próximo à entrada da Escola Básica e muito visível pelas janelas de pelo menos três blocos habitacionais.

Em outras versões deste texto, pensava em localizar de onde eu falo com a ideia do limiar. Não falo, neste tempo e nesta geografia, de um lugar de marginalidade⁵², mas sim de um lugar *entre*. Entre o dentro e o fora, o centro e a margem, está o limiar. Stavrides (2021) caracteriza o espaço limiar como um dentro e fora, ligação e separação, suporte para ritualização da própria passagem e travessia, de existência dúbia, precária e viral, e também como “estabelecimento de pontes entre mundos diferentes”. Vejo o balanço como este potente espaço-tempo limiar:

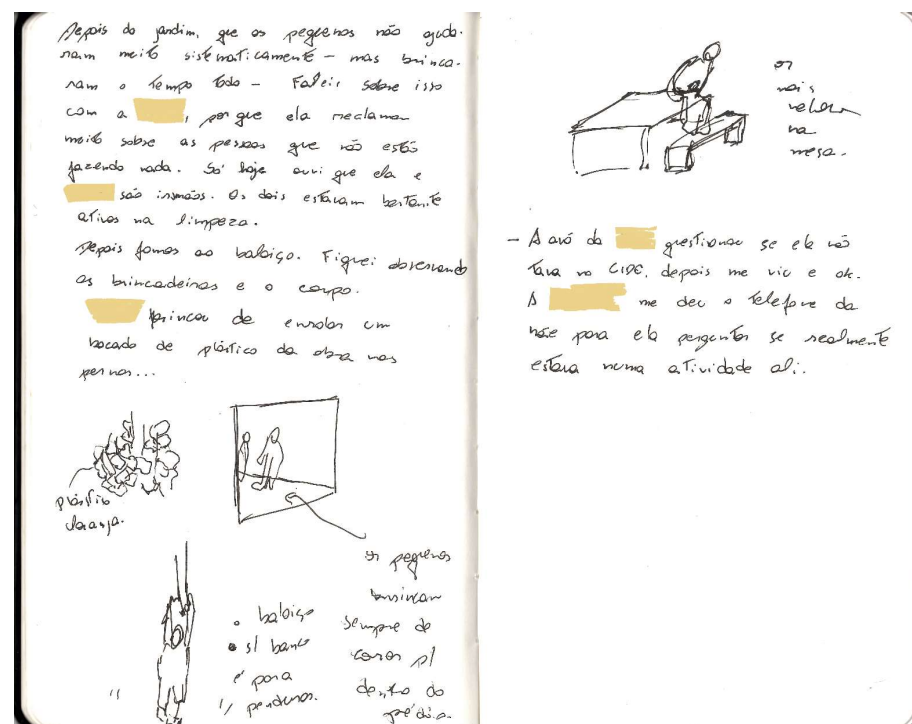
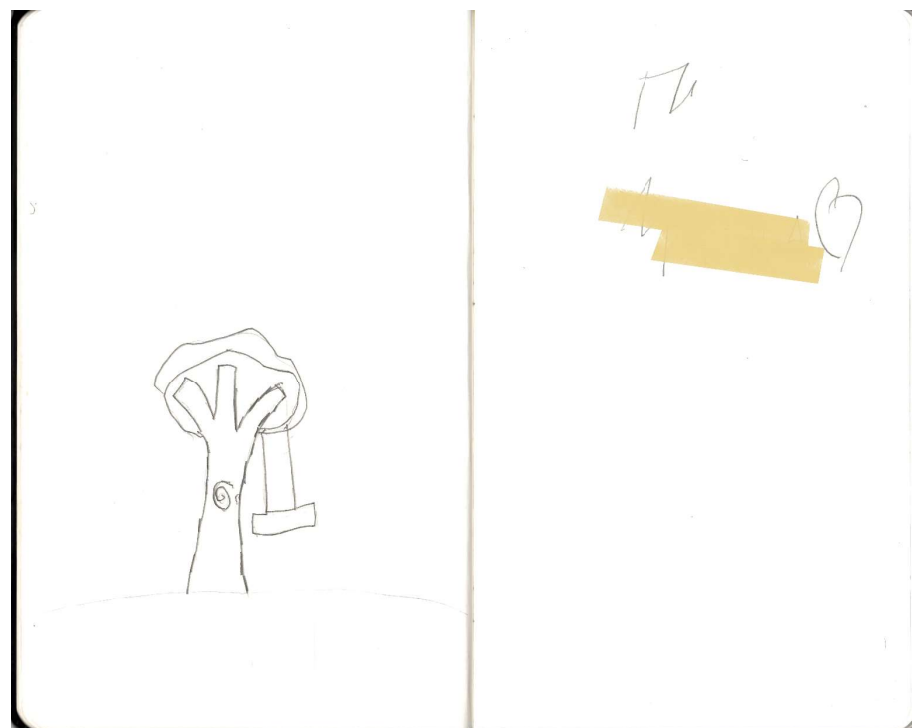
“Os limiares assinalam ocasiões e oportunidades de mudança. Criam ou representam simbolicamente passagens para um futuro possível, já existente no passado. (...). Nas inesperadas ligações engendradas por esses limiares, a alteridade emerge, não apenas como ameaça, mas como promessa”. (Stavrides, 2021: 131).

Aos poucos, estar com este espaço me motiva a observar-participar nas brincadeiras. Em meio a gritos que me pedem para empurrar no balanço - ou para ajudar nas negociações pelo tempo de uso e fila de espera - mas também em tudo o que acontece à volta: escondidas, futebol, bicicleta, brincadeiras inventadas com pedras, relva, plástico que sobrou das obras e mais o que houver disponível. Também, brigas de vizinhas, passeio

52 Em diálogo com Grada Kilomba, que localiza o próprio discurso desde um lugar de marginalidade - e é este lugar que permite uma maneira particular de experienciar a realidade, simultaneamente “de fora para dentro” e “de dentro para fora”, e então, “imaginar perguntas que não poderiam ter sido imaginadas antes, (...) fazer perguntas que podem não ter sido feitas antes.”. (Mirza, 1997 in Kilomba, 2022: 67)

Figura 77: Brincadeiras com o balanço. Junho de 2025.





Figuras 78 e 79: Notas com o balanço. Diário de Campo. Maio de 2025.

com animais, pessoas voltando para casa, roupas no varal, música, chegada e saída de carros, etc.

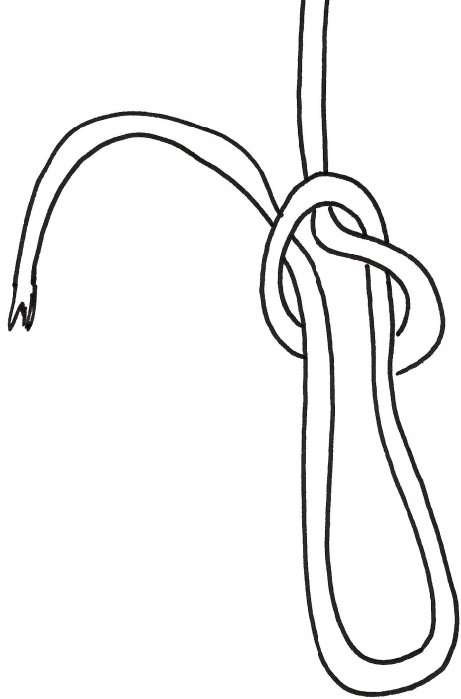
No dia 16 de dezembro, o balanço estava arreventado, sem o pneu. Ninguém soube me explicar o que tinha acontecido. Ouvi por alto que vez outra as brigas no brinquedo motivam que o avô das meninas corte a corda, mas não me pareceu que tenha sido esta situação. Chegamos para brincar, no fim do dia, e encontramos apenas a corda pendurada. Na hora, o grupo de participantes se junta e me pede para então irmos à Praça da Corujeira, onde tem um parque infantil, seria uma caminhada de mais ou menos 20 minutos, mas a hipótese foi recusada - com razão - pela dinamizadora social do Cercar-te, que nos acompanhava. A corda pendurada serviu de balanço para quem conseguiu se pendurar com os braços. Também, desenhemos na mesa com giz e brincamos à volta e no balanço de cima, que continuava inteiro. O 'balanço de cima' não tem pneu, é feito com uma tábua: por um lado, rodopiar à volta do próprio corpo é mais fácil e mais divertido ali, mas, a proximidade entre o balanço e a árvore provoca alguns acidentes.

Ali, começo a fabular instalar vários outros balanços pelo bairro. Volto ao Cercar-te e pergunto a (____), técnico do projeto, se ele conhece o avô das meninas. Eu queria saber se o avô delas poderia me ajudar a dar os nós nos próximos balanços:

9dez
perguntei ao (____) sobre o avô da (____) e da (____), para fazermos mais balanços. Ouvi que "a ideia é boa, mas tem que se pedir à câmara e levam meses. E não se pode incentivar que ocupem o espaço da câmara, público, tudo temos que ter 'uma visão pedagógica'". Perguntou se no meu país não é assim. Disse que sim, que tem que se pedir autorização, mas nós fazemos na mesma.



Figura 80: Brincadeiras com o balanço. Junho de 2025.



Com as crianças, uma cartografia que propunha identificar quais árvores poderiam receber novos baloiços: era importante observar a saúde da árvore, o tamanho, se havia algum galho disponível e com espaço seguro à volta. Em uma incursão por alguns pontos do bairro, amarramos um fio amarelo nas árvores com as quais poderíamos balançar o corpo. Uma das sugestões nos levou próximo à loja, onde havia uma árvore bastante grande. A sugestão foi de (____), que mora ali perto. Também foi ela a pessoa mais surpreendida quando chegamos e a árvore não existia mais.

13 janeiro

Para o baloiço levei um rolo grande de papel, canetas. Para relatos em desenho ou escrito do que fizemos. Pedi ao (____) me ajudar a fazer isso acontecer. Não ajudou. Brincamos muito tempo, o tempo passou rápido. Gosto da permeabilidade entre público e privado ali. Quando eles vão às casas para comer ou trocar de roupa... Quando as mães gritam da janela. Quando se juntam-se crianças que não estão no CID. Ali é meio encruzilhada, passa muita gente. Uma senhora disse que ia se juntar ao lanche, trazia umas batatas cruas que eu disse que podia partilhar. Balancei no baloiço do (____) olhando um pôr do sol com cores lindas de laranja e roxo.

Figura 81:
Nó a pescador.
Junho de 2025.



Figuras 82 a 85:
Brincadeiras
com o baloiço.
Novembro de
2024.

Com (___), o avô das meninas e fazedor de nós, aprendo que os nós que são utilizados ali. O nó à pescador junta a corda ao galho, lá em cima, mas é o nó à feirante que junta uma corda na outra quando elas arrebentam. Desde o início, este emaranhado de cordas em vários sentidos me ensinou sobre reparação, sobre fazer de novo, a cada vez.

Com o baloiço penso nos modos de fazer comuns. Observo-participo nas brincadeiras, experimento com o corpo e com o desenho.

Falo no baloiço enquanto sistema aberto. É o sobreiro e todas as plantas e bichos que coabitam com esta árvore, as pedras à volta, as janelas das vizinhas, as cordas, os nós continuamente refeitos, o saber-fazer dos nós e as mãos que o fazem, o pneu, a mesa e os bancos, os caminhos de pé posto, o baloiço de cima, as brincadeiras inventadas no espaço ao redor, os conflitos, brigas, choros, risadas...

Com este lugar e esta comunidade, observo e desenho *Baloiço - modos de fazer*⁵³. Componho alguns dos aprendizados com os modos de viver juntos situados aqui.



53 Contar histórias em papéis dobrados e desenhados é relembrar o zine 'Em Portugal conheci Angola', feito com Luciana Bastos, Nicolau e Relíquia de Espinho Remoso. Agradeço à Lu, pelos ensinamentos para composição desta ferramenta.

Figura 86:
Baloiço-escondidinhas.
Junho de 2025.

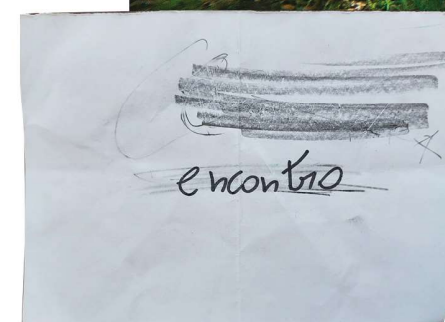
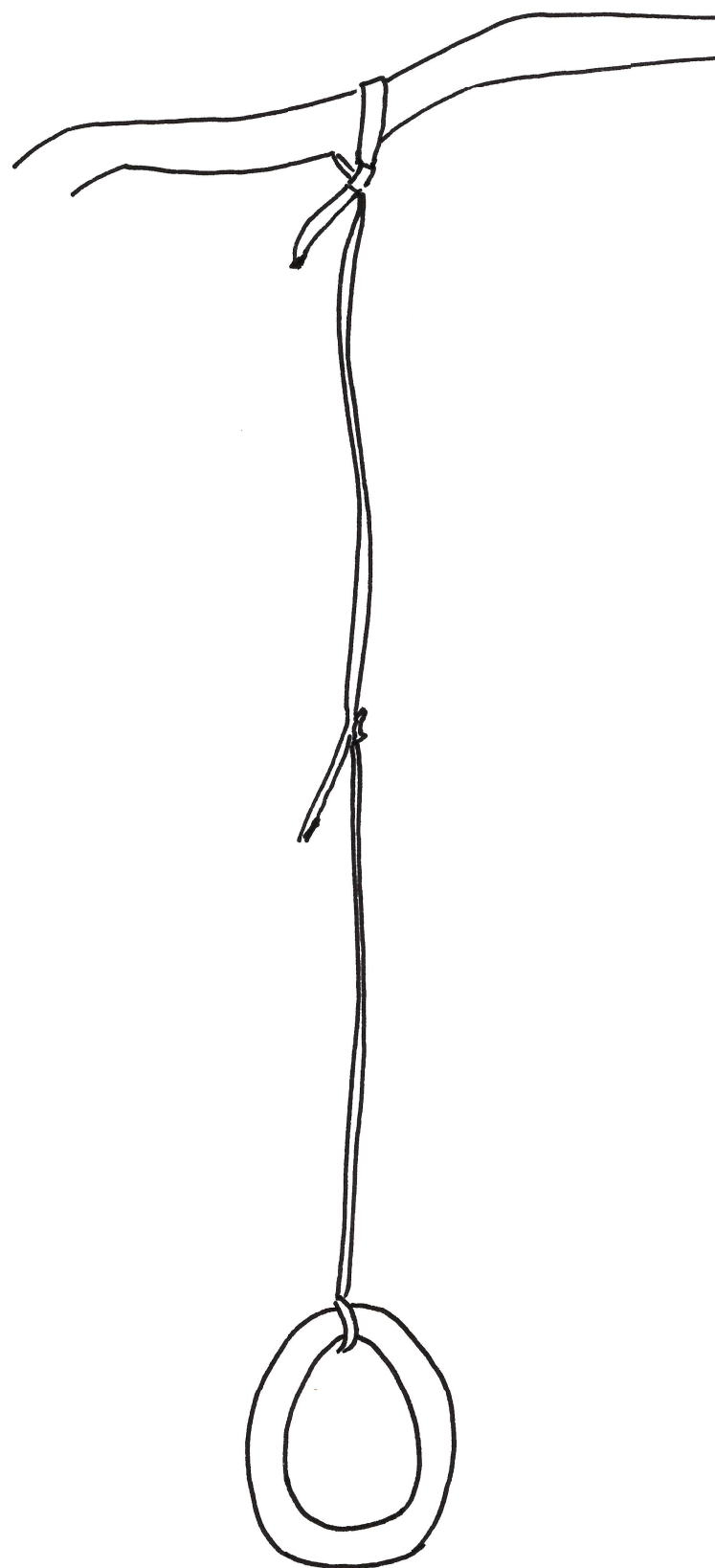


Figura 87: Baloioço. Junho de 2025.

Figura 88: Encontro. Levantamento fotográfico coletivo. Fotografia de (____). Maio de 2025



Figura 89: Correspondência. Fotografias com Bairro do Cerco do Porto e Olympus Trip 35. Maio de 2025.

Quatro. “Sonho com tu desenhares comigo, eu a brincar contigo...”

A escrita aqui vive no fim de maio e começo de junho de 2025, entre muitas coisas. É neste ponto do caminho que decido encerrar o processo de escrever. O ‘começar pelo meio’ da aprendiz-cartógrafa (Barros e Kastrup, 2009: 56 - 58) é também um terminar pelo meio. Aqui-agora, o envolvimento com o território do Bairro do Cerco do Porto, com o Projeto Cercarte, com a comunidade do CID, com as crianças que conheci nos espaços públicos (e mães, vizinhas, avós, avôs, baloiços, sobreiros, e mais), se desdobram em relações múltiplas.

No emaranhado entre pensar e fazer, a escrita se propôs a acompanhar, de perto, o que acontece e emerge a partir do viver juntas. Recupero, então, acontecimentos das últimas semanas, que dão um conjunto de pistas tanto das relações que se apresentam quanto daquilo que ainda vai surgir. São dois encontros às segundas-feiras e um encontro atípico, no sábado à tarde.

No primeiro deles, saio do CID desanimada depois de ouvir muitas vezes que era chata. Neste dia, a volta para casa é adiada porque aceito o convite para brincadeiras, risadas, baloiço, bicicleta e mais risadas. Com crianças que não ‘andam no CID’ mas também me chamam de professora, aprendo novas brincadeiras com o espaço à volta do baloiço. Brincamos por bastante tempo: balanço-os, jogamos bola, andamos de bicicleta, observo e tento aprender brincadeiras específicas... Quando está quase noite, decido ir embora e a conversa final me surpreende e alegra. (_____) diz que sonha em desenhar o bairro todo, explica a metodologia de como acha que podemos fazer isto juntas: primeiro começamos pelo CID, depois, podemos desenhar o baloiço, os carros, as ruas, o bairro: “Sonho com tu desenhares comigo, eu a brincar contigo... faz uma coisa do CID (...) e depois o bairro todo!”

No sábado seguinte, vou ao 3º Encontro de Circo da Ekun Circo Social⁵⁴, sediado na Escola Secundária do Cerco. No caminho, decido passar próximo ao baloiço para ver se há alguém por ali. É (____) que me vê e imediatamente me chama. Brin-

54 A Ekun Circo Social é uma “Associação Juvenil sem Fins Lucrativos e tem como objetivo o fomento das artes circenses em Portugal, com foco no Porto”. Em parceria com a Escola Secundária do Cerco, os treinos abertos acontecem às quartas-feiras, também na sede da Escola, o Encontro acontece, com workshops e espetáculos abertos à comunidade. Disponível em: https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSe6gkVjj1R8znhQlgB-DKnuXM7_7xuu2yU8dS-x1kYhhlA8oDA/viewform Acesso em: 28/05/2025

camos um pouco e digo que preciso ir para chegar à escola, onde acontece um encontro de circo. Ele e as demais crianças presentes pedem para ir comigo. Eu digo que sim, mas que precisamos da permissão das mães. As autorizações não foram fáceis de conseguir, mas quando conseguimos, saímos em um grupo de seis.⁵⁵ Alguns equipamentos estão disponíveis no pavilhão da escola e é lá que ficamos por cerca de duas horas em brincadeiras junto a outras crianças. Os trajetos de ida e volta também são permeados por brincadeiras, apesar do desafio de estar responsável por crianças pequenas no espaço público. Aqui, foi a confiança deste grupo de mães que me surpreendeu e alegrou. Nos encontros seguintes ouvi muitas vezes “que dia nós vamos ao circo?”, prometi que vamos a um treino em breve.

No último destes três encontros⁵⁶ a surpresa e alegria emergem no caminho de volta pra casa quando sou parada por um grupo de de quatro crianças das quais só conheço uma. Conversamos sobre um gato bebê, música, dança. Ao perguntarem o que é o tubo azul que carrego na mochila, explico que ali dentro tem um papel grande que é o mapa do CID e pergunto se querem ver. A afirmativa entusiasmada me faz esticar o papel no chão da calçada.

Desenhar juntas com o bairro é um sonho meu também e está endereçado a um futuro próximo: o projeto *Terri-*

55 As tratativas se dão pelas janelas dos prédios e à frente dos blocos habitacionais, com choro e insistência. Escuto que a escola dos grandes é longe, as mães não têm autorização para permitir sem o consentimento dos pais, uma das crianças está doente e a ida apenas do irmão não é justa, entre outras. As mães a favor da ideia contra-argumentam depositando muita confiança ‘na professora do CID’. No pavilhão, as ações intercaladas são jogar bola, experimentar malabares, subir na lira, rodopiar no tecido, brigar pela fila de espera de determinado equipamento e correr de meias para todo lado. No encontro seguinte, (____) me conta que voltou no dia seguinte para um workshop de tecido acrobático.

56 No CID, me reúno com o grupo entre 10 e 12 anos, falo sobre o mestrado e mostro imagens nas quais aparecem. Digo que ‘fomos convidados’ a fazer uma exposição deste trabalho e pergunto quem gostaria de participar. Falar sobre o mestrado foi associado com “menstruado” e por isto falamos também sobre corpos. Entre todas as imagens mostradas na apresentação, a fotografia de Pisco Del Gaiso de 1992, na qual uma mulher Guajá amamenta um porco-do-mato enquanto tem uma criança ao colo, foi a única que causou espanto, porque a mulher tem ‘as mamas de fora’. O convite para a exposição teve respostas múltiplas, há quem queira só visitar, quem está em dúvida e quem queira de fato fazer junto.

tório Cerco - cartografia é movimento foi contemplado na *open call* do Cultura em Expansão, promovida pela Ágora Porto. Em um processo que intenciona estar entre desenhos e caminhos de pé posto, os eixos de trabalho estão orientados para estar com o território do bairro e o narrar coletivamente. Uma exposição do processo terá lugar em novembro de 2025, junto ao lançamento de um website e uma pequena publicação-mapa.

Por este desdobramento em curso, a confiança depositada em mim para que levasse algumas crianças à escola foi especialmente significativa. Também, o interesse e afeto das crianças e jovens que vou conhecendo pelo bairro, o envolvimento deles neste processo dá sentido àquilo que emerge, dentro e fora dos portões do CID. Esticar o mapa no chão da calçada e descer o corpo para observar é, também, um movimento cartográfico.

Estes três encontros falam sobre os passos que nos trouxeram até aqui e os aprendizados e desaprendizados que vão sendo integrados em uma pilha de composto (Haraway, 2023) quente e fértil com potência de transformação da terra com a qual vivemos.

Iniciei este caminho com uma pergunta: *como construir dispositivos de ensino-aprendizagem - em diálogo com o território - para mapear e partilhar comuns?* Penso nos dispositivos como formas de convite: convidar à atenção, presença, escuta, encontro. Com *construir*, ação, aproximo à uma ideia gerativa e de processo, de criar, compor, agenciar diferentes materiais.

O diálogo com o território se deu enquanto envolvimento com um grupo de pessoas, plantas, bichos, espaços, materiais, práticas, sonhos, etc. Envolvimento encarnado, corporificado. Com choro, raiva, frustração, queda, medo, impasse, conflito, alegria, dança, brincadeira, bolo, cuidado, ética, afeto, respeito... E mais tudo que está no meio, na ambivalência e na complexidade. Neste envolvimento, os dispositivos tomaram forma de mapas, jogos de cartas, caminhadas, cartazes, desenhos. Formas inconclusivas e abertas.

Em um sentido, desaprendi, uma vez mais, o tipo de construção que passa, necessariamente, por um processo anterior, apartado do território, no qual o pensar, planejar e projetar acontece. Antes, por todas as condicionantes impostas - tempo, recursos, conhecimentos -, os dispositivos foram sendo construídos como práticas de correspondência que tentam, pela proximidade, corresponder ao acontecimento. Nesta prática, é vendo de dentro, que torna-se possível abrir caminho e improvisar uma passagem. (Ingold, 2013)

Quando Ingold (2015) fala da pedagogia pobre - na qual não há conhecimento para ser passado adiante e nem método para o fazer - fala sobre uma educação composta como um 'catalizador de começos', sempre em movimento de abertura. O caminhar por um labirinto é utilizado pelo autor para falar de uma educação que convoca a performance e a atenção (com duplo sentido de esperar e acompanhar-cuidar). Este modelo de educação, então, não se ocupa de colocar o conhecimento 'dentro das mentes dos alunos', mas sim de os levar para fora, para o mundo.

Se a mediação é "como ajudar alguém a entrar em um labirinto que não conhece, sem que se perca",⁵⁷ sinto que foi a mediação desta comunidade que fez com que eu aprendesse a habitar o Bairro do Cerco do Porto com atenção - entre a espera e o cuidado. Com esta comunidade em formação, mapear e partilhar comuns teve gosto de brincadeira.

Ao contar estas histórias, espero criar, também, uma mediação para caminhadas futuras nestes territórios epistemológicos, metodológicos e situados. A atenção que acompanha, cuida e espera precisa ser acionada uma vez mais, enquanto desaprendemos o olhar objetificador sobre estas práticas, vivências, pessoas, coisas.

57 Tradução livre de trecho da entrevista de Luis Camnitzer a Cayo Honorato. No original: "En cuanto a la mediación, es exactamente eso y no debiera ser una forma de crítica de arte. La mediación es como ayudarle a alguien entrar en un laberinto que no conoce y evitar que se pierda." Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/concinnitas/article/view/22817/16278> Acesso em 19/06/2025.

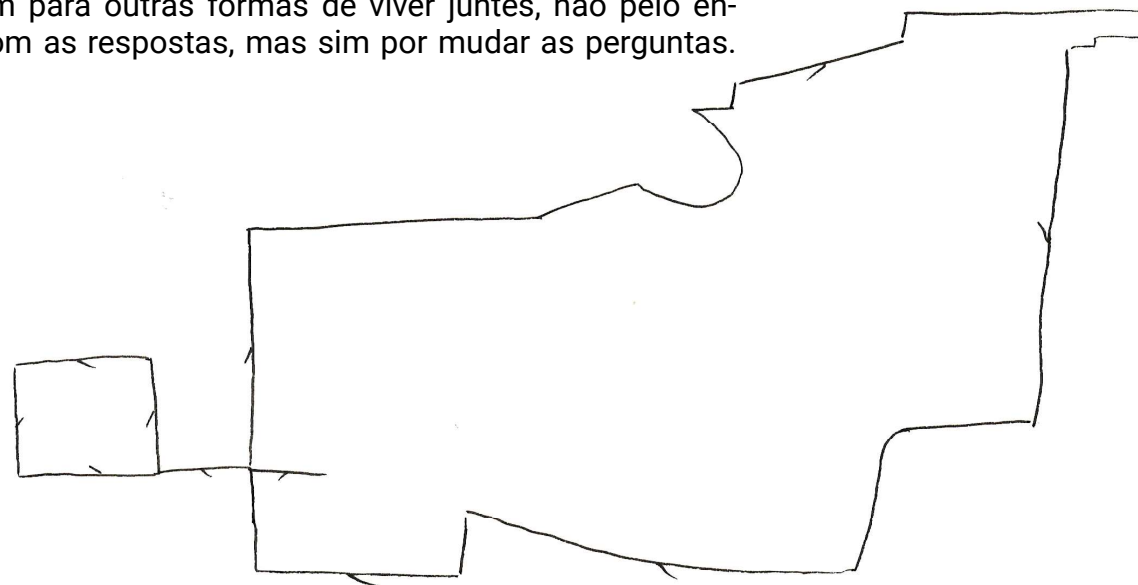
Cinco. Apontamentos iniciais, de novo

O desafio inicial foi construir ferramentas para uma fase cuidadosa de aproximação, sem prefiguração de fins e resultados. Naquele momento, compreendia que após esta primeira fase, poderiam seguir-se outras, de forma linear. Agora, em um caminhar fluido que é emaranhado com o território, vou entendendo que a fase cuidadosa de aproximação não termina: em um processo circular com “começo, meio, começo” (Nego Bispo, 2023), é tempo de preparar terreno, de novo.

As diversas pontas soltas que permanecerão, por agora, dão pistas da inconclusão. O Cerco do Porto, não o bairro, mas sim o cerco militar que aconteceu entre 1832 e 1833, carrega para este chão uma história de bloqueio, isolamento e cercamento. Também foram os cercamentos que destituíram populações do usufruto coletivo de seus recursos e espaços, dando lugar às práticas imperialistas e colonizatórias de viver.

É neste território, com o qual as histórias de imposição de um estado de sítio continuam a se atualizar no presente, que se constroem aparatos de resistência e sobrevivência, vivenciados também nas infâncias e juventudes. Potenciais estratégias para um “saber viver em território hostil” (Magalhães, 2024: 183) - em uma sociedade com tamanha disparidade de poder - são tantas vezes lidas como comportamentos a serem corrigidos pelas ferramentas de educação: a insubordinação, o enfrentamento, a teimosia, etc.

Voltamos à And Lab (2019): a investigação de outros mundos possíveis vivida como re-existência. Ao abandonar os esforços da modernidade e da pós-modernidade em encontrar a explicação da realidade (ou as explicações) e as várias operações de cisão advindas daí, abre-se espaço para a passagem para outras formas de viver juntas, não pelo encontro com as respostas, mas sim por mudar as perguntas.



Minha atenção está, neste momento, precisamente no conjunto de relações, gestos, perguntas, memórias, afetações mútuas, confianças, desconfianças. Contaminadas umas pelas outras, em processos de interferências que deslocam os eus, outres, o espaço à volta.

O trabalho com este lugar e com estas pessoas ensinou sobre a potência do trabalho vivo, cultivado em alegria e praticado enquanto cuidado. A criação aconteceu como trabalho coletivo de “re-materialização daquilo que emerge da relação”, atenta a “encontrar aquilo que ‘calhou’ ou aconteceu”, sempre a partir do que se tem. (And Lab, 2019: 43)

Mapear comuns, até aqui, não foi desenhar fronteiras ou delimitações, mas acompanhar os caminhos de pé posto: relacionais, tortos, insurgentes e sempre refeitos, a cada pisada.

Desdobramentos inconclusos que dão notícias da procura pelo enraizamento - não mais como identidade ou fixação - mas como organismo de trocas, em abundância. Movimento contínuo, dar, receber, ir, voltar, pergunta, pergunta. A inconclusão é caminho aberto para o que ainda vai surgir, para o que toma outras formas, a partir daqui, em comuns instáveis e provisórios, criados a cada vez.

Pelas brincadeiras, invenções, insistências, risadas, mentiras, verdades, descobertas e encontros, torna-se possível celebrar as infâncias vividas em coletivo, com as ruas. Ao mesmo tempo, atentar para as reproduções das violências sistêmicas, obstáculos para o exercício dos direitos fundamentais.

O trabalho com o qual seguiremos vivendo juntas em *Território Cerco: cartografia é movimento!* será ainda cartografar, sempre começando de novo, sempre pelo meio.

Figura 90: Percurso do dia 23 de janeiro de 2025.

Referências Bibliográficas

ACASO, Maria; MEGÍAS, Clara. *Art Thinking: cómo el arte puede transformar la educación*. Barcelona: Ediciones Paidós, 2017

EUGÊNIO, Fernanda. *Caixa-livro AND (A metodologia do modo operativo AND: teoria e prática)*. Rio de Janeiro: Fada Inflada, 2019

BISPO, Antônio dos Santos. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora/Piseagrama, 2023.

BITTENCOURT, João Batista de Menezes. *Nas encruzilhadas da rebeldia: uma etnografia dos straighedges em São Paulo*. UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas, 2011.

CARERI, Francesco. *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. 1ª Edição. São Paulo, Editora Gustavo Gili, 2013. [2006]

CERTEAU, Michel de. *Caminhadas pela cidade*. In *A invenção do cotidiano – Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes 1998. [1980]

CONCEIÇÃO, Ana Raquel Ferreira. *Crescer no Bairro do Cerco do Porto: uma proposta de redesenho do espaço público*. Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2023.

DARMON, Chloé. *Habitar a Água, os Lavadouros Públicos do Porto : uma experiência das mulheres na cidade moderna*. FAUP. Porto, Portugal, 2020.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs - Capitalismo e Esquizofrenia*, vol. 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. [1980]

EUGÊNIO, Fernanda. *O encontro é uma ferida*. 2012 in EUGÊNIO, Fernanda. *Caixa-livro AND (A metodologia do modo operativo AND: teoria e prática)*. Rio de Janeiro: Fada Inflada, 2019

GUERRA, Paula. *O Bairro do Cerco do Porto: cenário de pertencas, de afectividades e de simbologias*. Universidade do Porto, 2002.

GLISSANT, Édouard. *Tratado do todo mundo*. São Paulo: n-1 edições, 2024 [1997]

FEDERICI, Silvia. *O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista*. 1 ed. São Paulo: Elefante, 2019. [2012]

FERNANDES, Luis. *Um diário de campo nos territórios psicotrópicos: as facetas da escrita etnográfica*. In: CARIA, Telmo H. (Org.). *Experiência etnográfica em ciências sociais*. Porto, Portugal: Edições Afrontamento, 2002.

FERRO, Sérgio. *Arquitetura e trabalho livre*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

FRANCESCHINI, Aline. *O quintal que chamamos brejo: aprendizados de cuidado com o Rio Peruaçu*. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. - 64ª edição. Rio de Janeiro/ São Paulo. Paz e Terra. 2017. [1968]

FOSTER, Hal. *O artista como etnógrafo*. In: *O retorno do real: a vanguarda no final do século XX*. São Paulo: Cosac Naify, 2014 [1995].

HARAWAY, Donna. *Ficar com o problema: fazer parentes no Chthluceno*. 1ª edição atualizada. - São Paulo: n-1 edições, 2023 [2016]

HARVEY, David. *Rebel cities : from the right to the city to the urban revolution*. London; New York: Verso, 2012

ICONOCLASISTAS, *Manual de mapeo colectivo: Recursos cartográficos críticos para procesos territoriales de creación colaborativa*. Buenos Aires, Tinta Limón, noviembre 2013. Segunda edición agosto 2015.

INGOLD, Tim. *Making: Anthropology, Archaeology, Art and Architecture*. New York: Routledge, 2013

INGOLD, Tim. *That's enough about ethnography!* | Hau: Journal of Ethnographic Theory 4: 383–395, 2014.

INGOLD, Tim. *O dédalo e o labirinto: caminhar, imaginar e educar a atenção*. Publicado em Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 21, n. 44, p. 21-36, jul./dez. 2015

JACQUES, Paola Berenstein. *Apologia da Deriva: escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2003.

JACQUES, Paola Berenstein. *Estética da Ginga: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica*. Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2001.

KASTRUP, Virginia; PASSOS, Eduardo e ESCÓSSIA, Liliana da. *Pistas do método da cartografia: pesquisa -intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina. 2012

KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação: Episódios de racismo cotidiano*. Lisboa: Orfeu Negro, 3ª edição. 2022. [2008]

KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020

LABANDEIRO, Irene da Rocha. *A vida num Cerco. Exclusão - um estudo de caso e histórias de vida no Bairro do Cerco do Porto*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2004.

LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro Editora, 2008. [1986]

LEITE, Elvira e LOURENÇO Marques, Susana. *Quem te ensinou? Ninguém*. Porto: Pierre Le Fou. 2016.

MAGALHÃES, Paulo Andrade Mesquita. *Tudo que a boca come - capoeira, modernidade e cosmovisão afro-indígena*. Salvador: EDUFBA. 2024.

MARTINS, Leda Maria. *Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela* - 1.ed. - Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MONTE-MÓR, Roberto. *Utopias Urbanas e Outras Economias*. 2018.

NEVES, Tiago. *Etnografia das drogas no Bairro do Cerco do Porto: a economia subterrânea*. In 6.º Congresso Internacional de Estudantes de Antropologia, Número especial. 1998. Universidade Lusófona.

NOBRE, Maria Teresa Nobre; AMORIM, Ana Karenina Arraes; FRANGELLA, Simone. *Ethnography, Cartography, Ethnomapping: dialogues and compositions in the field of research*. Estudos da Psicologia, 24 (1): 54-64. 2019.

PUIG DE LA BELLACASA, Maria. *Matters of Care: Speculative Ethics in More than Human Worlds*. Minneapolis, London: University of Minnesota Press, 2017

ROLNIK, Suely. *Esferas da Insurreição: notas para uma vida não chulada*. Lisboa, Teatro Praga / Sistema Solar, 2020.

ROLNIK, Suely. *Antropofagia Zumbi*. São Paulo: N - 1 Ed., 2021(a).

RUFINO, Luiz. *Ponta-cabeça: educação, jogo de corpo e outras mandingas* / Luiz Rufino. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Mórula, 2023.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização - do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

STAVRIDES, Stavros. *Espaço Comum - a cidade como obra colectiva*. Lisboa: Orfeu Negro, 2021. [2016]

SOUSA, Sofia Alexandra Ribeiro de. *O cerco é a minha casa! Apropriações e identidades face ao espaço habitado*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2018.

TSING, Anna Lowenhaupt. *O cogumelo no fim do mundo: sobre a possibilidade de vida nas ruínas no capitalismo*. São Paulo: n-1 edições, 2023. [2015]

USINA CTAH. *Arquitetura, política e autogestão: um comentário sobre os mutirões habitacionais*. In: Usina: Entre o projeto e o canteiro. Organização: Ícaro Vilaça e Paula Constante ; prefácio Sérgio Ferro. São Paulo : Edições Aurora, 2015.

Referências Eletrônicas

BASBAUM, Ricardo. NBP. 1994-hoje. Disponível em: <http://www.nbp.pro.br/> Último acesso em: 14/04/2025

HONORATO, Cayo. A arte como atitude – Entrevista com Luis Camnitzer. concinnitas ano 9, volume 1, número 12, julho 2008. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/concinnitas/article/view/22817/16278> Último acesso em: 19/06/2025.

ESPAÇO T, Associação. O que fazemos? Disponível em: <https://espacot.pt/oque-fazemos> Último acesso em: 12/07/2025.

ANEXOS

Compõe esta dissertação também o anexo **“Aproximações / colaborações com Bairro do Cerco do Porto, Projeto Cercar-te, Clara Sefair”**. O anexo apresenta cartografias da fase cuidadosa de aproximação, desenvolvida entre janeiro de 2024 e setembro de 2025.

Em seis caixas (20x20x06cm), numeradas, apresentam-se reproduções não idênticas dos seguintes dispositivos:

Jogo com o Parque Oriental | 24 cartas-desafios com o Parque Oriental

Bairro do Cerco do Porto e práticas de cuidado | Mapa coletivo de práticas com o bairro

Levantamentos Fotográficos Colaborativos | 03 palavras-geradoras e 03 fotografias 10x15cm

Mapa do CID e autocolantes | Planta-baixa de práticas com a Casa do Pinheiro Grande

Desenhos livres com intervenção digital | Recombinações e interferências digitais em um conjunto de desenhos feitos com o baloiço

Um mapa é um desenho | Publicação com 34 páginas entre desenhos, fotografias, mapas, mais

BALOIÇO modos de fazer (para colorir!) | Zine aprendizagens com o baloiço de M. e V.

+ *Jogo Cocas para ‘401 e Cerco!’* - oficina desenvolvida no âmbito do Cultura em Expansão, em 13 de setembro de 2025.

Anexos digitais*

Aproximações, cartografia contada - Memórias 01 a 09 | Faixas sonoras

Disponível em: <https://soundcloud.com/territorio-cerco>

Dispositivos para impressão | Pasta Dropbox com conjunto de arquivos PDF para impressão de parte dos dispositivos desenvolvidos

Disponível em: <https://www.dropbox.com/scl/fo/wp50byyucv/rutfmdwv0e/AMq6CnBfFHbXzfytAVzTat-M?rlkey=h2f9yp3ddret53kxf5j34x62f&st=tzuv5181&dl=0>

*O QR CODE disponibilizado na contra-capa de ‘Um mapa é um desenho’ direciona para os hiperlinks.

A autoria dos dispositivos apresentados é coletiva entre todos/as participantes.

A capa das caixas é colaboração com Nicolau.

